TRIP

ANO 7 Nº35 CR$790,00

SERGINHO GROISMAN NU
Teen porra nenhuma

ZÉ DO CAIXÃO
Trash brasileiro emplaca na américa

O INFERNO VIOLENTO DE LOS ANGELES
Yankee, watch your home!

SOUL SURF
O surf do espírito

XINGU S/A
Índio não quer apito. Índio want dollar

IRA BARBIERI
Pussy power no embalo dos 70

Peça ao jornaleiro a outra capa desta edição. A escolha é sua.

FUCK THE FASHION

O asfalto derruba a moda e veste o mundo.

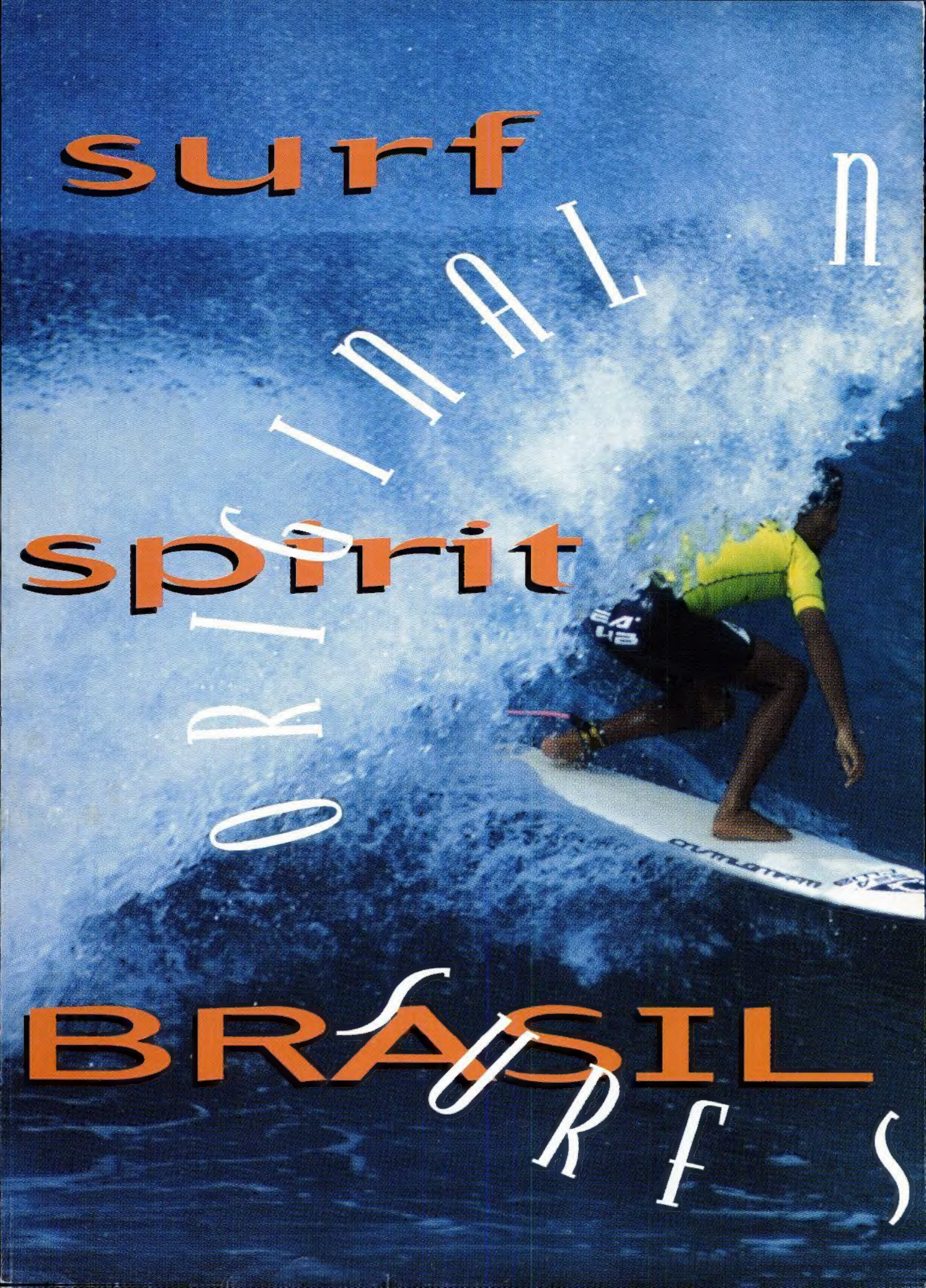
TRIP
ANO 7 Nº 35 CR$ 7,90,00
FUCK THE FASHION
O asfalto derruba a moda e veste o mundo.
O INFERNO VIOLENTO DE LOS ANGELES
Yankee, watch your home!
XINGU S/A
Índio não quer apito. Índio want dollar
SOUL SURF
O surf do espírito
SERGINHO GROISMAN NU
Teen porra nenhuma
Peça ao
outra capa desta edição. A escolha é sua.
Pussy power no embalo dos 70

surf spirit

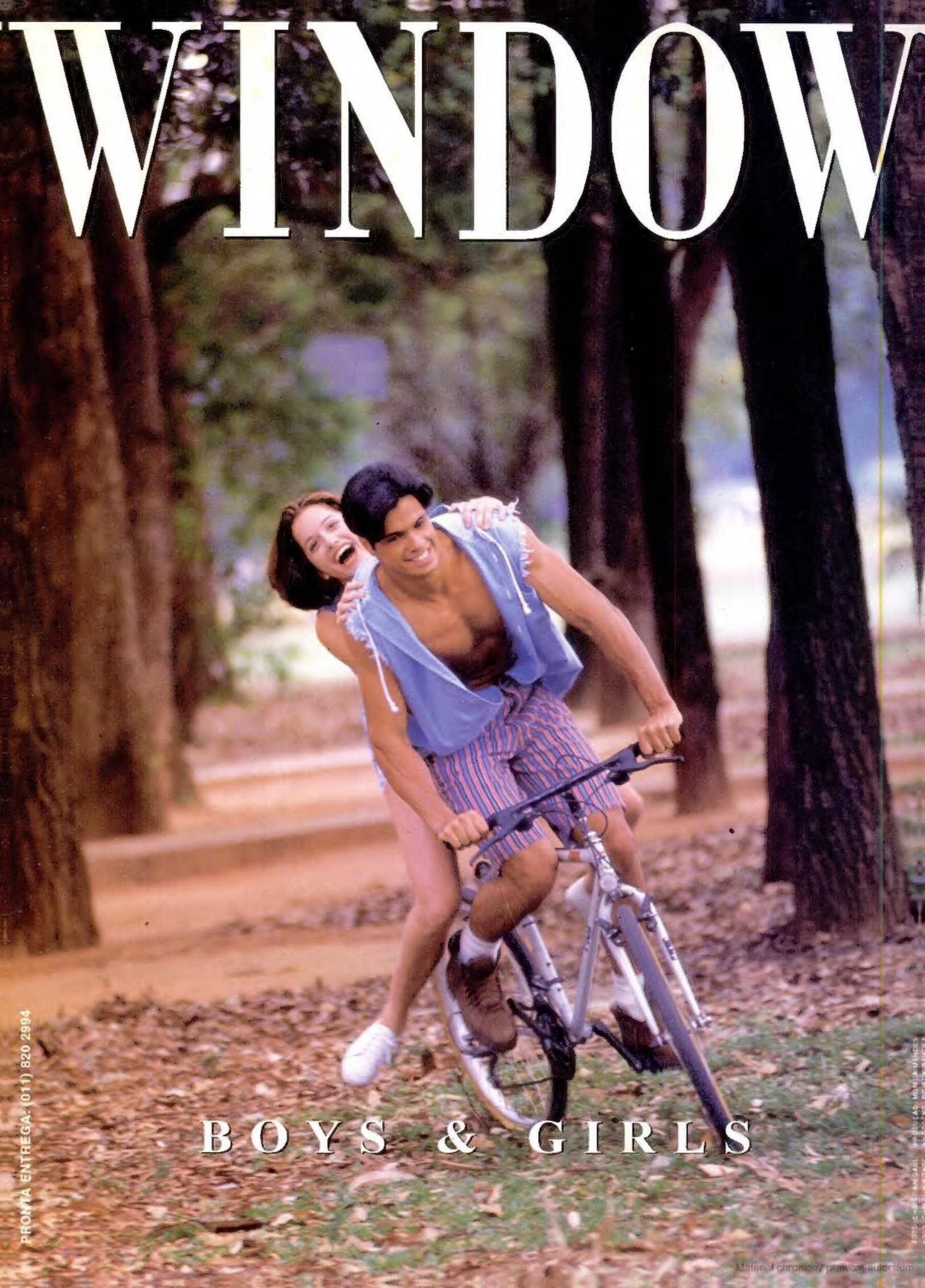
ORIGINAL

BRASIL

SURFS



WINDOW



BOYS & GIRLS

PROMPTA ENTREGA: (011) 820 2994

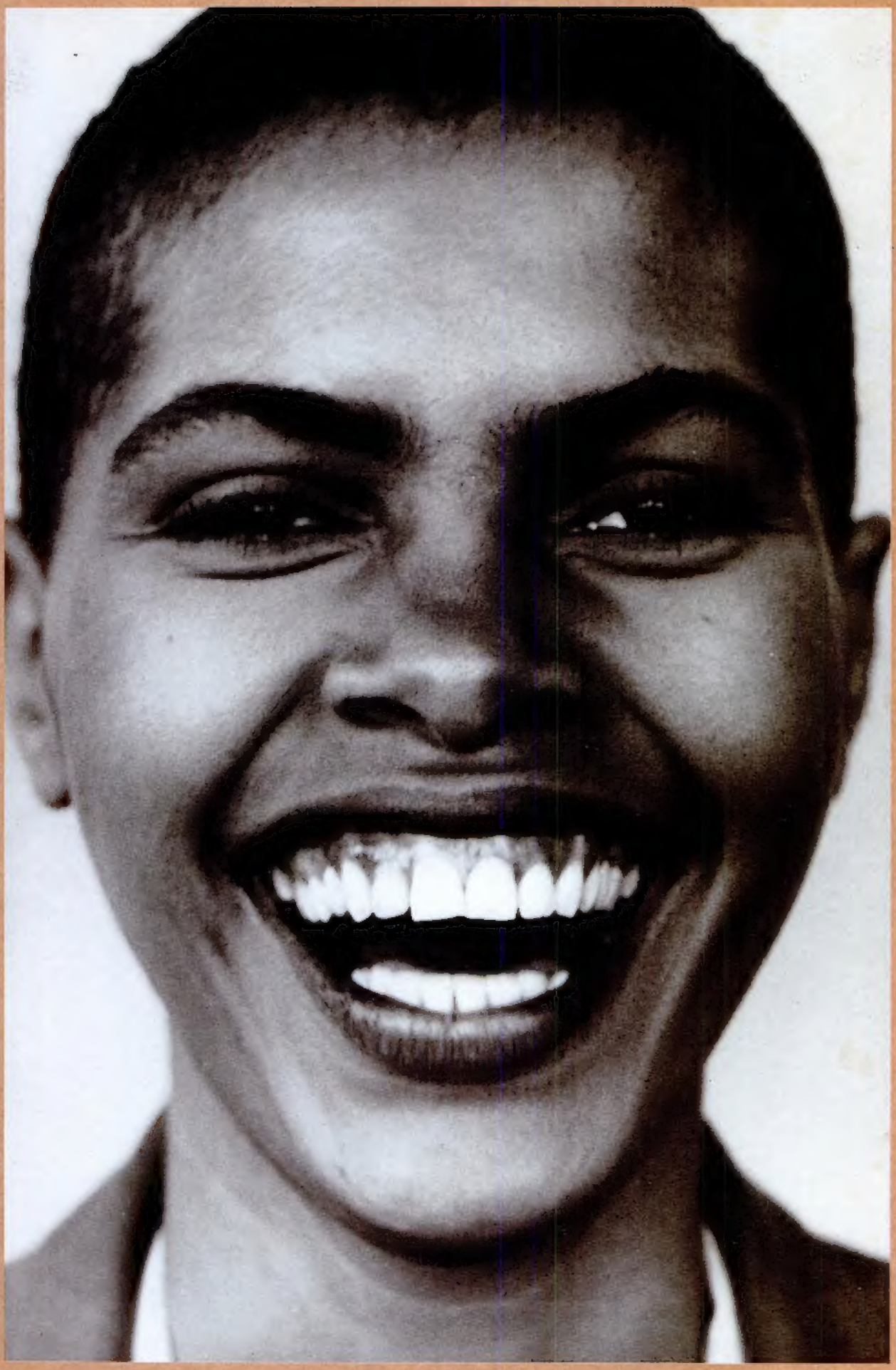


Foto de Victor Amotti eleita uma das cinco melhores entre 8000 imagens inscritas no prêmio ILFORD 94. Amotti é brasileiro, vive em Paris e colabora com a TRIP desde 88.

Na próxima TRIP, novo projeto editorial.
Você vai gostar.

This One
PU86-PH6-WZ7Q
Materiał chroniony prawem autorskim

AS PÁGINAS NEGRAS DA TRIP APRESENTAM

SERGINHO GROISMAN

por Paulo Lima

foto Bob Wolfenson

Blazer e calça Brookstield, camisola by Guto Lacaz

Desde Flávio Cavalcanti, um profissional de TV não conquistava um programa diário no horário nobre em rede nacional no país. Filho de classe média culta que tende a desaparecer no Brasil, Sergio Groisman mistura duas virtudes que não costumam coexistir: obstinação e tranqüilidade. Aos 43 anos, recusa o rótulo de "garotão", "irmão mais velho da galera" ou qualquer outra idiotice do gênero.

TRIP Você acabou de comprar um apartamento. Quando você conquistou sua independência financeira?

SERGINHO GROISMAN Comecei a trampar e ganhar grana quando entrei no Equipe, lá por 1970, e comecei a coordenar o centro cultural ganhando uma miséria. O salário melhor só pintou quando entrei na Bandeirantes FM. O primeiro carro eu ganhei do meu pai. Era um Fusca zero que eu porrei num Puma no primeiro dia. Pudera, minha carta de motorista foi conseguida na base do suborno. Depois disso comprei um Corcelzinho vermelho. Foram todos para o ferro-velho. Hoje tenho um Kadett e me acho um ótimo motorista.

TRIP Você pensava que iria fazer TV?

SG Vou te falar uma coisa: desde que me conheço eu queria fazer televisão. Minha infância era cinema e TV. Minha mãe tinha um saco de ouro. Domingo de manhã era o *Festival Tom & Jerry*, no Metro. Depois almoçávamos e às duas da tarde começava a maratona no Cine Marconi, que tinha dois longas, vários trailers e dois seriados — *Cavaleiro Negro* e *Flash Gordon* —, com uma interrupção pra comer sanduíche de mortadela com groselha. Saíamos às sete da noite. E quando tinha só um filme, eu obrigava minha mãe a ficar mais duas sessões. A outra paixão era televisão. Quando meu pai me levava para jantar no Gigetto, eu dava vexame, esperneava mesmo, porque queria a todo custo entrar na TV Excelsior, ali na Nestor Pestana.

TRIP Você era barbudo e cabeludo. Você foi hippie?

SG Quando comecei a trabalhar em rádio, eu tinha cabelo comprido e barba, mas era meio Che Guevara. Hoje as pessoas vêem as fotos daquele tempo e acham que era mais pro lado Woodstock, mas não, era muito mais pro político, esquerdinha. Nunca participei de nenhum grupo revolucionário, mas tinha minhas idéias e achava a figura de Che Guevara muito forte, por isso o cabelo e a barba.

TRIP Você já teve experiências com drogas?

SG Uma vez, com maconha, e realmente fumei. Eu tinha uns 20 anos, tinha ido até Porto Seguro e meu amigo tirou um charutão, a gente fumou e eu comecei a rir de um tronco. Depois entrei em pânico, meu coração entrou em disparada e comecei a achar que estava em outro lugar, viajei mesmo. Meu amigo, na volta, ia a uns 20 km por hora curtindo a estrada e eu achava que o tempo não passava, que a estrada estava muito devagar. Eu fiquei mal uns dois dias. Mas acho que foi reação psicológica, não física.

TRIP Daí você pegou bode?

SG Total. De todas as drogas.

TRIP Mas você nunca teve curiosidade de experimentar nenhuma?

SG Não.

TRIP Mas já te ofereceram?

SG Já me ofereceram LSD, cocaína, maconha, haxixe. É como bebida. Eu não bebo. Já bebi normal, mas hoje, nem cerveja. Eu curtia ficar bêbado, mas vomitava muito. Hoje não tenho prazer com isso. E não fumo porque não gosto. Quanto às drogas é porque tenho medo, bode... tenho até receio com a cocaína, porque sou muito ligado, demoro horas pra dormir, todo dia.

TRIP A que horas você dorme?

SG Eu deito lá pela uma hora, duas, e acabo dormindo só às quatro.

TRIP Como foi a batalha para fazer TV?

SG Eu queria de qualquer jeito fazer televisão, mas os caras não deixavam usar barba e cabelo comprido, o que era um absurdo. O cara tinha que ser *clean*, limpo. Eu fiz alguns testes na Bandeirantes, mas ninguém levava em conta o que eu falava, só se preocupavam com a imagem. No *90 Minutos*, do pessoal que fazia o *Bondinho*, a *Realidade* e o *Extra*, é que me deixaram fazer uma matéria.

TRIP Como é que foi?

SG Foi no Masp, numa mostra de cinema, na fila do *Calígula*, e a pergunta era: "Vocês vieram aqui ver sacanagem ou é porque o filme tá censurado?" Acabado o programa, eu só consegui fazer televisão muitos anos depois, na Cultura, um programa semanal de meia-hora, o *Orientação*, já de cabelo curto, arrepiado, mas ainda de barba. Só depois, por vontade própria, é que resolvi tirar a barba, o que facilitou bastante. Nos testes para televisão, porra, era uma pressão absurda, não tinha referência nenhuma, as pessoas te colocam com os critérios delas, e nem sabem quais são esses critérios. Sempre fui reprovado, por que tinha um jeito de ser, não conseguia parar em frente à câmera. Hoje é uma qualidade falar andando. Então as pessoas não queriam um cara que não olhasse pra câmera, que não estivesse de terno, gravata, limpinho, com a barba feita. Demorou muito. Quando fui para o *TV Mix*, já estava sem barba e lá não havia esses problemas estéticos.

arquivo pessoal

Nos tempos de repórter de rádio cobrindo o campeonato universitário de surf em Itamambuca.

TRIP Do que você lembraria dessa época de começo?

SG Quando eu trabalhava na TV Bandeirantes, cismei de fazer uma entrevista com o Plínio Correia de Oliveira, da TFP, que nunca tinha falado para a TV brasileira. Liguei diariamente durante um mês, e nada. Depois de muita insistência, marcamos uma hora e lá fui eu com o equipamento. Os caras me trataram superbem, serviram cafezinho, tudo isso documentando em VHS. Foi muito engraçado. Entrei numa sala com piso de pau-brasil e me sentei num sofá junto com o dr. Plínio. Daí eu fiz a primeira pergunta: "Dr. Plínio, como o sr. vê o socialismo francês?" "Bem..." E o cara da técnica gritou: "Pára, pára! Pifou a bateria". Ficamos duas horas pra arrumar outra. Voltaram com a bateria e recomeçamos. Cinco minutos e a bateria deu problema de novo. Ele olhou pra mim e disse: "O que é isso?" Eu me desculpei e marcamos para o dia seguinte. Fui prevenido, mas bastou a primeira pergunta e a maldita bateria pifou de novo! Foi o basta: "Que brincadeira é essa?". E as outras pessoas da TFP em volta repetiam: "Que brincadeira é essa? Que brincadeira é essa?" Conclusão: fomos embora com cinco minutos de entrevista que nunca foram ao ar.

De meia três quartos com a irmã, ostentando um belo par de orelhas.

arquivo pessoal

TRIP Um momento que deve ter sido bem difícil na sua carreira foi a decisão de trocar a Cultura pelo SBT. Como foi a virada?

SG Um dia, antes do *Matéria Prima* ir pro ar, me deram o recado de que o Sílvio Santos estava no telefone. Pensei: "é trote!" Deixei o cara esperando uns 15 minutos. Aí, quando falaram que era sério, ele já havia desligado, mas pediu para eu ligar. Eu liguei e ele falou para ir lá conversar com ele.

TRIP Como foi o encontro?

SG Cheguei, sentei com o Sílvio Santos e ele começou a falar. Mas eu só conseguia olhar para o cabelo dele *(risos)*. Falavam tanto do cabelo dele que eu fiquei olhando. Ele falava bastante e então eu disse: "Olha Sílvio, desculpa mas eu não estou absorvendo direito". Então ele me deu dois minutos e falou: "Pode ficar olhando" *(risos)*. Daí ele disse: "Eu quero que você venha pra cá, minhas filhas assistem seu programa e gostam, acho que vai dar certo". Eu falei que precisava pensar e depois tivemos mais uns cinco encontros, de duas horas mais ou menos, falando sobre TV.

TRIP Como é a sala do Sílvio?

SG É incrivelmente simples. Na época em que fui, nem aparelho de TV tinha.

TRIP E quanto à grana, o Sílvio botou na mesa logo de cara?

SG Não, mas eu falei que só saía da Cultura se tivesse liberdade total, e ele deu. Só viria se escolhesse a equipe, e ele deixou. Só viria se tivesse todas as condições de trabalho, e ele deu. Ele foi minando todas as resistências que tive. O único problema era o horário, às 17h30. Ele falava que se não desse certo em uma semana, um mês, eu poderia sair. Ia ter um contrato de um ano. Se desse certo e se o programa fosse muito bem, um dia poderia ter outro horário.

TRIP Com essa clareza?

SG É, ele falava assim: "Eu não estou prometendo nada, eu estou dando todas as condições que você está pedindo". E quanto à audiência? "Eu não quero saber, você não precisa de audiência. Eu não te chamei aqui por causa da audiência", ele disse.

TRIP O que ele queria?

SG Ele queria prestígio. Queria trazer novos anunciantes, dos produtos mais jovens, ou mais qualificados. E falava: "Eu estou ganhando do *Fantástico*, mas olha os anunciantes de lá e os daqui".

TRIP Quanta grana ele ofereceu?

SG Quando chegou o lance da grana, ele falou: "Bom, vamos falar de grana. Quanto você quer?" Eu pensei que ele fosse me falar quanto ia me pagar. Se eu falasse um número e ele dissesse "tá feito", eu iria pensar, "porra, fui enganado". Então pedi para deixar pra outra semana. Pensei em pedir um absurdo. Na próxima vez que ele perguntou "quanto você quer?", eu disse que queria 30 mil dólares. "Não é possível, ninguém ganha isso", ele falou. Aí eu pedi que ele me desse um número e a gente fechou. Bom, então eu fui conversar com o Muylaert *(diretor da TV Cultura)*, porque na verdade a grana não era o mais importante. Mas até o Muylaert disse que estava na hora de me mandar. A Cultura não tinha, aqui em São Paulo, a amplitude que tem hoje.

TRIP Já ouvi pessoas dizendo que houve uma mudança sensível no seu jeito de ser recentemente. Há algum fato nessa história?

SG Aconteceu uma coisa significativa, o fato de ter ido para o SBT. De repente, estou numa emissora popular. Realmente, meu, trabalhar numa emissora como o SBT, aparecendo diariamente, isso muda o seu comportamento com a cidade. Hoje é raro o lugar onde entro e as pessoas não me reconheçem. Antes eu trabalhava na Cultura e ia pro Masp, pro Belas Artes, as pessoas me reconheciam. Mas hoje é o garçon, o entregador de pizza, o vigia noturno, a dona de casa, a criança. O que também mudou recentemente meu comportamento foram os programas especiais que comecei a criar. Nas eleições municipais passadas, o Sílvio chegou pra mim e falou: "Existe a possibilidade de eu sair candidato, e terei de me descompatibilizar um tempo, e o domingo talvez tenha que ser dividido". Esse foi o primeiro toque que ele deu. Mas naquele momento até falei pra ele que não me interessava, porque ele queria que eu tomasse o lugar dele em algum programa. Então era assim: "Que tal você fazer a Porta da Esperança

ou o Quer namorar comigo?". Eu disse não, porque ele é o mestre nisso. Quer dizer, hoje ele botou a Hebe no domingo, mas é a Hebe Camargo, ninguém está substituindo o Silvio. Daí, mais recentemente, surgiu a possibilidade de fazer um programa novo aos domingos. O SBT tem uma heterogeneidade que eu acredito que raras TVs do mundo talvez tenham, quer dizer, você está assistindo um programa que tem um público assim, de repente entra *Aqui e Agora*, sai e entra o Bóris e assim vai. O Dácio Nitrini, braço direito do Bóris Casoy, estava na maior dúvida de largar a *Folha* e entrar no SBT. Aí ele foi lá um dia para conhecer, entrou no banheiro, e quando olhou pro lado viu o Bozo mijando. Era o Bozo em pessoa. Ele disse: "É aqui mesmo que eu fico".

TRIP No seu programa, especialmente no segundo horário de terça-feira, você parece estar exercitando um lado diferente, até mesmo *clown*. Pra quem começou com reportagens investigativas, não rola uma sensação de perda do sentido original?

SG Quando recebi o convite de elaborar esses programas das terças-feiras, para eu ir pro domingo, pensei — domingo é dia de Faustão, de Silvião e de macarronada. E eu não vou fazer isso impunemente. No meu programa, a cada semana, há um estereótipo do apresentador misturado com um estereótipo do homem brasileiro. E tenho as Sergetes, seis garotas que ficam dançando. Misturo isso com cantores populares que vêm em cima de cada tema, e pra cada programa tem um cantor não popular que, junto comigo, incorpora um personagem. O primeiro personagem foi o Sergito Pedro, um cafajeste brega; como convidados, Gretchen, Gengis Khan e os caras do Ultraje a Rigor travestidos de guardas-rodoviários. No segundo, era um nordestino, um fazendeiro, a la José Sarney, poeta, deputado com revólver, que dizia assim: "Ficam me acusando porque sou deputado e fico usando as verbas públicas. Se as verbas são públicas, também são minhas". Sempre respeitando o nordestino, porque a classe média precisa perder esse preconceito com os nordestinos. E também para ironizar esses políticos nordestinos, que hoje estão materializados nesse João Alves, ou nesses que furam poços em benefício próprio, e que têm fazendas de cacau. A idéia desses programas é pra cada tipo ter uma ironia e um sentido crítico. Além do entretenimento, claro, porque é um programa popular, com garotas dançando. Pra você ver, o João Gordo cantou samba no *Programa Livre*.

TRIP Você falou dos políticos em tom de indignação. De alguma forma passa pela sua cabeça que, com toda sua ascendência sobre a moçada, você poderia mudar isso com uma possível candidatura?

SG Nunca. Se tem uma coisa que eu não quero ser na vida é político. Precisa ficar claro o seguinte: o desprestígio que o político brasileiro passa hoje não tem nada a ver com o exercício da política, tem a ver com a cultura do nosso povo, com a miserabilidade do nosso povo. Como cada povo tem a televisão que merece, ele tem também o político que merece. A classe política está tão desgastada, merece total repúdio. Mas, quase que paradoxalmente, daqui a pouco aparece aí um Fujimori da vida dizendo "vamos fechar esse congresso, só tem lama", e do jeito que as coisas vão, o povo brasileiro anda tão miserável que, se você faz uma pesquisa sobre a pena de morte, ela ganha. Você faz uma pesquisa a respeito dos políticos e eles perdem. Isso não pode servir de pretexto para um carinha, ou um militar, fechar o Congresso e falar "vamos moralizar". Acho que o país sofreu uma mudança muito legal depois do impeachment. Se ainda acontece o massacre do Carandiru e ninguém é punido, ou se o Fernando Collor está fora das grades e o PC está foragido, isso não quer dizer que não houve um avanço. Ao contrário, hoje o massacre da Candelária não passa barato, hoje um político que se vende por 30 mil dólares tem sua cara mostrada em todos os jornais; um congresso que há muitos anos ganha milhões de dólares ilicitamente, hoje apareceu. Só falta a justiça cumprir seu papel. O país evoluiu muito e a gente tem a possibilidade de varrer esses caras e tentar fazer um país um pouco melhor.

TRIP Você se vê interferindo diretamente nesse processo?

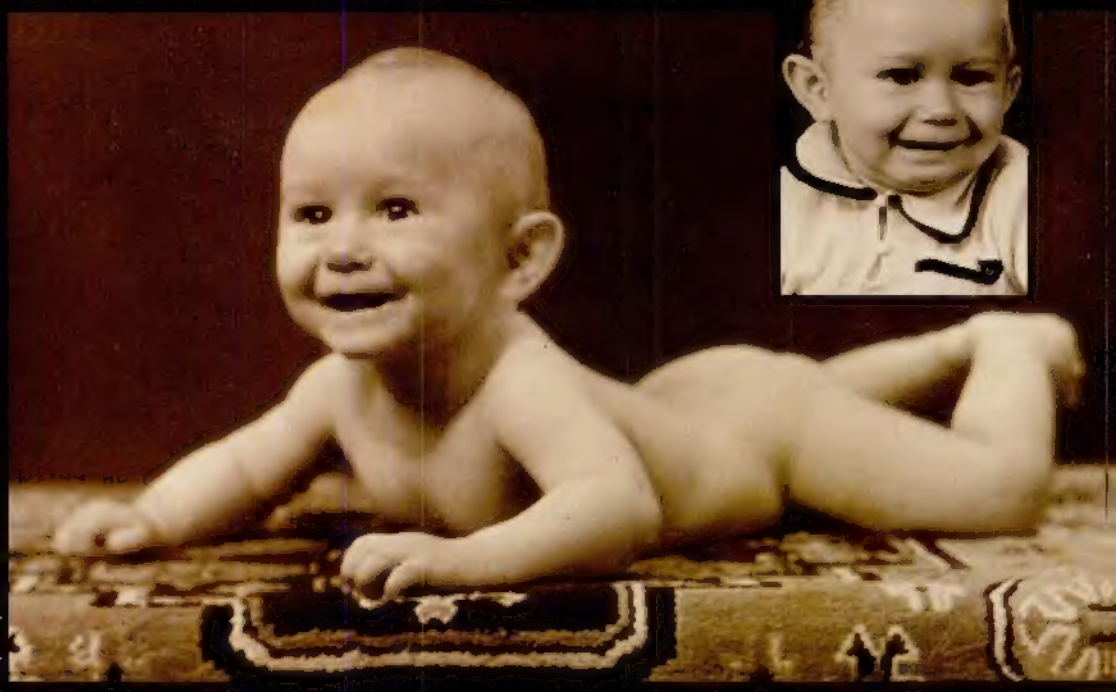
SG Não teria paciência.

TRIP Você acha que seria uma evolução natural assumir uma coisa popularzona e amanhã fazer um *Namoro na TV* sem culpa?

SG Não. Se fizesse, faria com culpa. O fato de hoje estar mais solto no vídeo não tem relação com o fato de querer me desviar e cair de cabeça nos *Papa-Tudo* ou *Tele-Sena*. O que eu penso é mais ou menos um pouco do que o Chacrinha fazia. O Caetano Veloso também teve um programa em que pegava o que se chamava de lixo cultural. O negócio é colocar tudo num caldeirão. O Brasil é antropofagia pura.

TRIP Como é sua família?

SG Eu tenho pai, mãe, uma irmã e duas sobrinhas que não vejo muito. Meus pais eu vejo uma vez por semana, minha mãe liga diariamente pra saber como eu estou de saúde, se já almocei ou se já jantei. Ela é minha fã maior. É uma tietagem incrível, e eu adoro, a gente se dá superbem. Eu gosto de ir comer lá porque eu almoço e janto fora. Até agora eu estava morando num flat.



arquivo pessoal

Há 43 anos, completamente nú, na clássica pose "nasci de bumbum pra lua". No detalhe, Serginho reclamando do penteado Itamar Franco.

TRIP Quando você era pequeno, seus pais eram legais ou você teve problemas e precisou apanhar?

SG Meu pai ficava assistindo televisão. Ele não desgrudava do vídeo e sempre mantinha um chinelo ao lado. Quando alguma coisa enchia o saco dele, ele dizia: "Cala a boca!" — e atirava o chinelo. Quase nunca errava. Quando cheguei na adolescência tive altos conflitos de geração. Mas tem uma coisa que nunca vou poder reclamar: meus pais nunca falaram pra mim o que eu deveria fazer. Eles tinham algumas sugestões: se eu pudesse ser médico, engenheiro ou advogado, eles iriam ficar muito felizes. Mas o fato de eu não fazer isso de jeito nenhum os decepcionou. Eu fiz um ano de Direito, mas quando larguei, cheguei pra eles e disse "troquei o curso de Direito por um jogo do Corínthians", foi isso que aconteceu, eles falaram tudo bem.

TRIP Você falou sobre preconceito contra nordestino em São Paulo, principalmente. E preconceito contra judeu? Como você sente isso?

SG Hoje em dia não me afeta. Mas, na infância, eu morei na Barra Funda e, pra mim, o dia mais terrível era o dia em que malhavam o Judas. Eu tinha a impressão de que se eu saísse na rua eles iriam me malhar também. Depois nunca mais tive problema por ser judeu.

TRIP Se você não fosse judeu teria sido mais fácil?

SG Não acho que as coisas teriam outro rumo pelo fato de ter nascido judeu ou não. Acho que se tivesse nascido negro as coisas teriam sido diferentes, se eu tivesse nascido nordestino aí sim as coisas teriam sido diferentes, porque no Brasil o judeu não é pobre, e o preconceito aqui não é tanto por causa da raça e da origem, mas pela pobreza. O nordestino sofre preconceito não por ser nordestino, mas por ser pobre. Com o negro é a mesma coisa. Aqui o judeu não sofre, porque tem grana. O preconceito brasileiro não é o preconceito alemão, contra os imigrantes. Hoje, o preconceito babaca, filho da puta que existe contra os nordestinos é um absurdo.

TRIP Há muito tempo você se reúne semanalmente com três amigos — o fotógrafo Bob Wolfenson, o arquiteto André Vainer e o diretor de teatro Cacá Rosset —, para jogar pôquer. E todos são judeus. Isso é um guetozinho? Por que não tem um que não seja judeu?

SG Tem, só que não está na mídia. É o Jair, o irmão não judeu do Bob. Sempre teve não judeus. Mas como ficou uma turma de judeus, é o seguinte: esta mesa tem 20 anos, agora ela está quase trimensal. Também o Bob tá casado, tem uma casa na praia, passo o fim de semana lá, acho que os únicos solteiros somos eu, o Cacá e o Jair. Bom, a gente tem as mesmas piadas há 20 anos e se reúne pra contá-las. É assim, a gente tá jogando, pára o jogo e começa: tudo que eu falar, você repete a frase e no final fala a palavra gay. "Fui pra praia". "Praia gay". "Encontrei uma ostra". "Ostra gay". "Encontrei uma jaca". "Jaca gay".(risos) Pô, 20 anos e ainda pára pra contar. Fora as últimas, porque eu nunca vi ninguém inventar tanta piada como o Cacá e o Bob, nem o Ari Toledo. Daí sempre pinta piada de judeu e sempre pára o jogo pra falar daquela garota que um deles namorou, e fica uma conversa de Rosentaun, com Rosenblit, só papo de judeu.

André Sader

Fazendo um tipo "étnico" em plena Vila Guilherme.

TRIP Bom, você falou de mulher e todo mundo tem muita curiosidade sobre qualquer pessoa que tenha visibilidade, principalmente alguém que é solteiro. Você morou com uma namorada. O que você lembra deste período?

SG É...

TRIP Que suspiro é esse? É penoso falar disto?

SG É penoso.

TRIP Porque? Você ainda gosta dela?

SG Não, não é por isso. Gostar eu ainda gosto muito. Mas é penoso porque quando a gente fica falando de sucesso eu fico pensando: o que é meu? O que é meu que eu não quero que seja público? Eu nunca namorei ninguém público, nenhuma atriz e acho que se tivesse acontecido isto, a gente poderia andar pelas ruas e ser fotografados pela *Contigo*, etc. Mas as pessoas que eu namorei sempre foram muito reservadas. Nunca fui um cara banderoso de querer transar com a namorada no meio de um show... Então tem este lado, porque eu posso estar expondo uma pessoa e talvez ela não queira que eu fique contando à respeito da nossa vida e do como era. A gente não está junto há quase dois anos, foi um namoro longo, de quase 9 anos e uma vida comum numa casa durante um ano e meio. Nove anos cortados por um ano que ela viveu no exterior.

TRIP Ela é da tua idade?

SG Não, tem nove anos a menos.

TRIP E o lance de morar junto realmente vai deteriorando a relação?

SG Eu não sei se é o morar junto, no meu caso específico eu atribua ao fato do trabalho interferir muito na vida. Das obrigações, de não ter uma regularidade com a vida cotidiana e ter uma exigência do descompromisso. Eu caracterizo muito mais a separação pela interferência da vida profissional do que pelo fim da afetividade. A afetividade terminou, porque se tivesse um amor comum, que se foda também o profissional, mas não era isso. A relação profissonal de certa forma nos separou.

TRIP Isto faz você se questionar sobre o tipo de vida que está levando?

SG Eu aceito. O que é problemático é que eu aceito e sei que o descompromisso está muito ligado à possibilidade de fazer as coisas que estou fazendo. O fato de você ter uma casa, uma pessoa que gosta, cria vínculos necessários, afetivos. Você quer ficar com a pessoa, quer viajar, quer fazer as coisas no fim de semana. Então, o fato de não ter uma namorada hoje, é meio dentro desta balada que está meio obscura pra mim, eu até já nem sei direito

que tipo de mulher que eu quero, quem é, se tem alguém que eu gostaria.

TRIP Mas enquanto isto você namora umas garotas. Eu sei de uma história de uma garota que você conheceu no programa e teve um caso. Rola muito disto? Você solteiro, se trabalhasse num banco, podia eventualmente namorar uma gerente ou até uma cliente...

SG Não, não rola mesmo. Se houve o caso que você sabe, na verdade é atípico e não sistemático, porque diariamente passam uma média de trezentas pessoas. Nestas trezentas, duzentas são garotas, essa é a média. Destas duzentas, sempre tem muitas meninas bonitinhas, muito gracinhas. E as pessoas ficam achando que só pela fato de eu estar lá todo dia, é só escolher e levar. Imagina, puta absurdo, porque acaba o programa e vou embora, elas vão embora também. Até na Veja saiu que eu vou atrás das garotas e só não pego o telefone delas porque não dá tempo. Meu, seria me expor ao ridículo. Já aconteceu de garotas me mandarem fotos com o telefone, todo dia eu recebo bilhetes, mas bicho, acaba o programa eu já estou confundindo tudo, não sei quem é quem. Ligar pra estas pessoas, é uma atitude que não tem muito sentido porque pra ter uma pessoa não basta ser só tesão. As cartas que recebo, são cartas de projeção amorosa. Eu tenho certeza que não causo tesão. Eu causo talvez afetividade. As pessoas me vêem muito mais com carinho do que com tesão.

TRIP Porque você acha que não causa tesão?

SG Porque eu não tenho o perfil físico do cara.

TRIP Você se acha feio?

SG Não. Mas quando vão os garotos do vôlei, eles causam tesão, quando vai um ator, ele causa tesão. Quando vai uma modelo, ela causa tesão. Mas tem as pessoas que não são nem feias nem bonitas e eu me coloco neste grupo. Eu nunca tive dúvidas a este respeito.

TRIP Mas tem a tua aparência, porque ninguém te dá 43 anos, é muito difícil, o físico, a cara. Você faria uma plástica pra ajudar profissionalmente ou até sob ponto de vista da vaidade?

SG Eu só faria plástica por saúde. Eu tenho um defeito no septo nasal. Eu fico gripado facilmente.

TRIP Você tem medo de morrer?

SG Acho que eu tenho menos medo de morrer do que de perder alguém que gosto. Tenho pavor de pensar que as pessoas que gosto podem desaparecer da vida. Por mais que existam conceitos espirituais, metafísicos, filosóficos, por mais que tentem ver que no oriente consideram a morte diferente daqui, por mais que se busque na religião o conforto da segunda vida, não tem jeito. Eu acho que a morte é um castigo pra vida.

TRIP Eu já vi muitas pessoas manifestarem que você faz amizade com uma certa facilidade, mas produz um campo de defesa muito intransponível, que poucos conseguem quebrar. Isto existe?

SG Isto existe, é super real. É sempre assim, eu acabo sabendo mais das pessoas do que elas de mim. Sempre.

TRIP Você já fez análise?

SG Nunca. Conheço pessoas que fazem, vejo o que fazem bem a elas e pra mim já é suficiente. Tem muita gente próxima que acha que eu devo fazer, porque eu iria me abrir mais, iria registrar melhor o carinho que tenho pelas pessoas. Quando eu começo um relacionamento, sou totalmente apaixonado e demonstro isto claramente. Com o tempo eu vou fechando, sempre.

TRIP Porque você não tem filhos aos 43 anos?

SG Porque a circunstância não deixou.

TRIP Quem é essa?

SG (risos) Você é uma figura.

TRIP Mas quem é?

SG (risos) Eu não sei. Eu não tenho muito compromisso com o tempo. Normalmente quem tem muitos projetos, faz compromissos com o trabalho e com a família, quer ser aquilo e ter tantos filhos. Às vezes o cara nem faz projetos e tem filhos pra caralho. Acho que por não ter projetos e talvez pelo medo do compromisso, porque o filho materializa um compromisso teu com a tua existência. Filho é uma coisa muito legal porque é aquilo que eterniza o homem. Mas acho que é mais pelo compromisso.

TRIP Bom, eu não assisti, mas parece que outro dia você foi ao programa do Sílvio fazer um quadro de fantasiar várias pessoas para descobrir quem é o Serginho. Por exemplo, quando você gosta muito de uma coisa e a vê sendo usada de uma forma pouco agradável, fica bem decepcionado. A pessoa que me contou isto, sentiu isto neste programa. O comentário foi do tipo: "Pô, ele parecia um menininho olhando para o Sílvio com um olhar de criança meio deslumbrado". Você acha que esta crítica, ou melhor, esta observação procede?

SG Não neste sentido, de ficar babando na frente do Sílvio. Admiração por ele eu tenho, mas me convidaram muitas vezes e me mostraram o tape e achei que o quadro não era ofensivo em nenhum momento, nada depreciativo para quem estava participando do quadro e ele tinha uma certa curiosidade. Mas eu acho que a análise que esta pessoa fez não procede neste sentido. Se fosse pra botar alguém no ridículo às minhas custas, eu não faria.

TRIP Já aconteceu de você sair do programa com o canal aberto falando a milhares de pessoas no Brasil inteiro, sendo o centro do jogo, e depois ir pra casa e ficar sozinho, quase que abandonado?

SG Isto é diário. Mas eu não tenho a solidão. Eu adoro ficar sozinho, é contraditório. Adoro ficar entre 300 pessoas durante o dia e se não faço aquilo me dá uma certa angústia, porque todo dia é gente nova. Eu já conheci entre o Matéria Prima e o Programa Livre, quase 300 mil pessoas diferentes que passaram por lá. Eu entro uma hora antes do programa pra conhecer estas pessoas, pra

fotos shoti hori

Apesar do estilo relax, não raro, Serginho é visto em excelentes companhias. No sentido horário a partir do alto à esquerda, com Cristiane e Fernando, Jessica, Rebeca e com Mônica Mendes.

conversar. Eu me sinto às vezes até meio vampiro da energia destas pessoas. Talvez até esteja aí a explicação da energia aos 43 anos, porque receber todo dia uma carga destas 300 pessoas e ser uma antena disto é legal. Quando acaba o programa, vou pra casa, pego um vídeo, peço uma comida e adoro ficar sozinho, saber que não toca o telefone. Não me dá esta crise da solidão de ligar pra alguém porque está sozinho às 3 da manhã.

TRIP É depressão?

SG Eu não tenho depressão. Circunstancialmente, em relação a certos acontecimentos, fico chateado, puto, nervoso, triste, normal com as situações. Se eu tenho, tem uma explicação pra isto. Alguém tá me tratando mal.

TRIP Já teve algum fato que gerou uma depressão profunda e você ficou mal mesmo?

SG Não, mas sempre que eu estou apaixonado e eu não consigo aquilo imediatamente, fico deprimido durante um bom tempo. Neste último namoro que tive, neste longo período, o início foi muito difícil, fiquei deprimido pra caralho.

TRIP Você já teve impeto agressivo, de querer bater em alguém, de matar, de dar porrada?

SG Não. Nunca na vida consegui bater em alguém. Quando era moleque eu apanhava duplamente, porque chegava em casa com o nariz sangrando — que é o lugar mais sensível que tenho — e minha mãe me batia não porque apanhei, mas porque eu briguei. Daí meu pai queria me bater porque eu apanhava. (risos)

TRIP Na rua você apanhava por quê?

SG Briga de moleque.

TRIP Você era uma criança feia?

SG Feia não. Sempre fui tímido ao extremo. Desde criança eu comecei a me apaixonar muito fácil, mas não conseguia falar com elas. Nunca consegui me declarar. Minha primeira namorada foi aos 17 ou 18 anos. Namorado.

TRIP Eu tinha até esquecido de sexo. Você coloca o sexo meio de lado, acha que não inspira muito o assunto, acha que não é muito sensual?

SG Eu acho que não inspiro sensualidade nem sexualidade. Eu acho que inspiro mais afeto.

TRIP Como é que um cara de 43 que tem uma vida super agitada faz com sexo? Quer dizer, você transa, quantas vezes, gosta, não gosta?

SG Negativo.

TRIP Negativo o quê? Não quer falar disto?

SG Não.

TRIP Não quero que você conte com quem, mas genericamente qual a importância disto na sua vida? Porque dá a impressão que é só trabalho.

SG Não, não é. Eu acho que isto é uma daquelas partes que eu não tenho prazer de conversar em entrevista, porque o sexo pra mim é importante, na média não devo ser nem pior nem melhor que os outros.

TRIP Esta expressão "na média" é ótima... (risos)

arquivo pessoal

Serginho nos tempos de Che Guevara

SG É. Eu não gosto de revelações. Quando a *Interview* veio me entrevistar, eu falei que não ia dar e eles me disseram que não ia ser sobre sacanagem. Tem pessoas que gostam, tem prazer em falar a respeito de suas experiências sexuais, seus pontos de prazer.

TRIP Mas eu não quero falar sobre isto. Quero saber da importância de uma coisa super presente pro todo mundo.

SG Então, é importante e nesta medida de importância está presente na minha vida. Pra classificar, sou um homem heterossexual com suas necessidades satisfeitas, é isso.

TRIP Vamos fazer aquela coisa de eu falar nomes de pessoas e você comentar a respeito. Isso é legal e acaba revelando um pouco do seu jeito de ser. Eu fiz uma listinha agora de pessoas e entidades, por exemplo: Folha de São Paulo.

SG Folha de São Paulo eu posso falar meio genérico, mas eu tenho que particularizar certas coisas. Eu acho um excelente jornal que passou por algumas reformulações e pra mim foi incrível sob o ponto de vista de colocar gente nova falando, mudou a linguagem, mudou a credibilidade que as pessoas têm, passou a ter uma postura editorial muito clara, muito firme. No particular, no sentido cultural, acho que passou por umas fases execráveis, personalizada sob o ponto de vista destrutivo de parte da cultura brasileira, chegou a ser pretensiosa, maldosa, mas veja com super otimismo que isto acabou. Não sei, foi em cima de uma autocrítica, não sei se foi a figura do ombudsman que trouxe uma reflexão crítica em cima disto mas veja que mudou, está mais saudável. Antes o crítico da Folha tinha um sinônimo de destruição. Chegou a ser quase uma obrigação porque a Folha metia o pau em tudo e tinha aqueles jornalistas que sistematicamente fizeram seu nome em cima da destruição. Porra, o exemplo do melhor crítico que conheço até hoje é o Sábato Magaldi. Foi um estudioso, frequentador de teatro, o cara descrevia uma obra e sabia o que foi a produção da obra sob o ponto de vista da iluminação... A crítica da televisão brasileira ainda é muito pré-histórica, muito pobre. Não se tem um conceito estético, não se consegue ver quantas câmeras foram usadas no programa e que recursos isto dá para o telespectador. Tudo bem, já melhorou um pouco, tem até cadernos de televisão, pelo menos. Então voltando pro Folha, ela sob o ponto de vista geral, é um dos jornais mais interessantes que a gente tem.

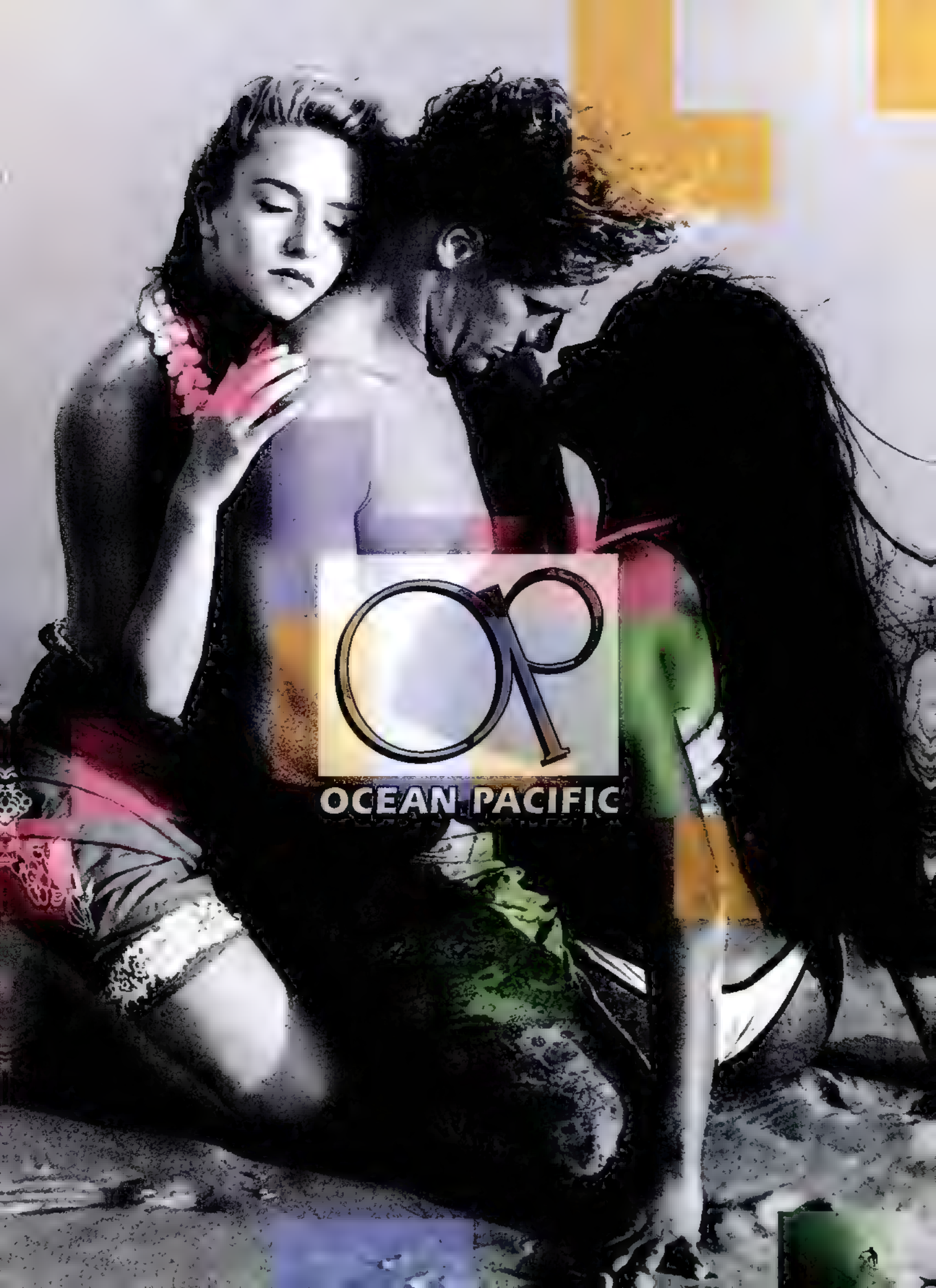
TRIP Arnaldo Antunes.

SG Adoro. É o cara que tá fazendo um trabalho de criação dos mais novos. Quando eu falo novo é assim: ele conseguiu pegar a tropicália, os "Haroldos" e os "Augustos de Campos" e transformar em uma coisa nova. Pra mim é o suco destes caras, é o cara que tá usando a computação, os recursos técnicos e tecnológicos novos, unindo um conceito da poesia mais nova, sob o ponto de vista estético, com as coisas infantis, com as brincadeiras de rodas, com referências culturais do nordeste misturando Jimmy Hendrix... Ele é o novo tropicalista.

TRIP Luís Antônio Fleury.

SG Acho que se o Fleury tivesse tido uma postura mais firme, mais imediata, principalmente no episódio do Carandiru, a figura dele seria mais luminosa. Ele perdeu muito do brilho nesta questão, não tanto pelo possível envolvimento, que eu acho que não teve mesmo, mas na apuração dos fatos. Neste sentido o Brizola foi mais rigoroso.

Continua na página 72


OCEAN PACIFIC

W/Bros

BIFE À MILANESA COM GUARANÁ

ESTE É O SABOR.

Guarana

Karina
Gas Chambers
Hawaii

Derek Ho
Reef Brazil World Team
Rocky Point

REEF BRAZIL

THE ESSENCE OF THE SANDAL

The Forte' Sandal

Reef Brazil, USA 2015 Garnet Ave., Suite 104-121, San Diego, California 92109 (619) 691-0490 FAX: (619) 691-0594 **Reef Brazil Worldwide Australia** Reef Australia 52/61-5500 **Belgium** Transind 02/521-9502 **Canada** Voce 604/984-8793 **Canary Islands** M. Guerra 922/21-3722 **Chile** L & V Ltd 02/231-5239 **Costa Rica** Mango 25-1067 **Denmark** Chalmer 031/625-782 **France** Hoff 56 63 07 34 **Germany** Peter Eicker & Co. 081/515-0207 **Greece** Elxan S. A. 01/807-8535 **Holland** Riptide 20/645-1940 **Italy** Wings Italia 051/744-478 **Japan** Hasco 06/774-0091 **New Zealand** Reef New Zealand 09/486-6308 **Portugal** Luis Falcao 01/726-4116 **Spain** Transimex 94/457-0614 **Sweden** Fjallsportan AB 0171/67780 **Switzerland** Sunshine Off. 032/95-2018 **Tahiti** Amex 42-1145 **U.K.** Watersports Co. 0243/786-058 **Uruguay** The Surfshop 02/90-6421 **Venezuela** Rep. Pipeline 02/793-1635
Distribuidor Exclusivo no Brasil: Hang Loose Ind. Com. Ltda. - Tel: (011) 221-3288 FAX: (011) 223-0889

Town & Country
Hawaii

BLACK

BEACH

SS8

FOTO MORGADE

PHONE

W E A R

PHONE (011) 223-8233
FAX (011) 221-8825

EDITOR: Paulo Arus Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO: Carlos G. Sarli
CONSELHO ADMINISTRATIVO: Paulo Lima, Carlos G. Sarli, Nestor Sartoretto
PROJETO GRAFICO: Rafic Jorge Farah
GERENTE DE COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO: Mônica Mendes
REDAÇÃO
DIREÇÃO: Lu Gomes
REDATORA: Lucia Freitas
REPORTER ESPECIAL: Fernando Costa Neto
REPORTAGEM: Ricardo Franca Cruz, Robson Luiz Brandão, Alexandre Caparroz e Deborah M. Giannini
ASSISTENTES DE PRODUÇÃO: Michel Bögli, Patricia Soares
FOTO STAFF: Aaron Chang, Aníbal Neto, Dennis Magalhães, Ignacio Aronovich, Shoiti Hori
ARTE
DIREÇÃO: Hector Hungria
ASSISTENTE: Walmir S. Graciano
ARTISTAS CONTRIBUINTES: Cassio Leitão Camareto, Marcelo Pallotta, Estação Manda
PRODUÇÃO GRAFICA: Carlos G. Sarli
DEPARTAMENTO COMERCIAL
ATENDIMENTO: Elza Helena R. Cardoso
CONTATOS COMERCIAIS
São Paulo: representação exclusiva junto a agências de propaganda - Sparbi & Monteiro
Tel: (011) 813-24 8 / 814-7975
Rio de Janeiro: Chico Ismaid (021) 226-4260
Rio Grande do Sul: Dennis Magalhães (0512) 31 66 19
DEPARTAMENTO FINANCEIRO
GERÊNCIA: Shoiti Hori
ASSISTENTE: Simone A. Soares
TRAFEGO E ASSINATURAS: Roberta de Santis Gil
AUXILIAR: André Pereira da Costa
ASSESSORIA JURIDICA: Silvio G. Shutzer
COLABORADORES
FOTO: Alberto Sodre, André Sader, Ângelo Palumbo, Attila Strauzi, Joaquim Acácialara, Armando Prado, Bia Guedes, Bob Wolfenson, Bristo Jr., Denjiro Saito, Elisabetsky, Flávio Colker, Gui von Schmidt, Haroldo Nogueira, Jim Rassi, Klaus Mitteldorf, Kirk Aeder, Levy Paiva, Marcos Prado, Marcelo Guarnier, Marcos Lopes, Marcio Neves, Marcia Xavier, Paul Cohen, Paulo Vainer, Pisco del Gallo, Roberto Price, Sergio Góes, Tony Fleury, Veronica Peixoto
TEXTO: Andre Barcinski, André Christovam, Arthur Veríssimo, Calso Lobo, Eduardo Faria, Juliana Monteiro, Jô Elias, Marco Bueno, Sidão Tenucci, Tico Cavalcanti, Zeca Almeida Prado, Fabio Massari, Rogério Gallo
CORRESPONDENTES
NY: João Felippa
HAWAII: J. W. Birthong e Michael Willis
FRANÇA: Frédéric Pauvarel
PORTUGAL: Fernando Mendes
SERVIÇOS GRÁFICOS
FOTOLITOS: Maiprint, Graficolor e Overart
LABORATORIOS FOTOGRAFICOS: D76, Fuji Labtec
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia SA, Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro, RJ
EXTERIOR: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda, Quinta Pau Varas, Azinhaga dos Feitais Camarate, Lisboa
IMPRESSÃO: Gráfica Círculo

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP é uma publicação bimestral da Trip Editora e Propaganda Ltda. Nós vendemos espaço mas não vendemos opiniões.

Administração, redação e publicidade à Av. Juscelino Kubitschek, 1479 São Paulo - SP CEP 04345-011

PARA FALAR COM A TRIP LIGUE OU FAXEIE
PABX (011) 829-4355

paulo lima

PARA UM NOVO PAÍS, NOVA LINGUAGEM

A TRIP é o oposto do que se faz no Congresso Nacional. Em cada página, defendemos uma idéia em que realmente acreditamos. Opiniões divergem no mesmo espaço com democracia. Ninguém precisa sair na porrada ou arrancar microfones. Em 93, como nossos congressistas, tivemos um dos melhores anos de nossa história em termos de faturamento. A grana rolou em bons volumes, só que veio de origem conhecida, produção, trabalho, geração de empregos. Na capa da última edição, profetizamos: POLÍTICOS OUT! A TRIP é um dos principais instrumentos para provar que há uma geração interessada em interromper uma verdade brasileira: A mediocridade se estabelece, progride e acumula riqueza. E 94? Em quem você vota? Os ladrões desgraçados de Brasília em cana? A TRIP vem decidida. Começa o ano com projeto editorial aperfeiçoado, reforçada por nomes de peso da nova produção cultural, artística e esportiva do país, campanha nacional de publicidade e gás aberto pra tomar conta desta terra. E de outras. Para isto já provou ter o dom da adivinhação e de informar as tendências da sociedade brasileira, por intuição e ciência.

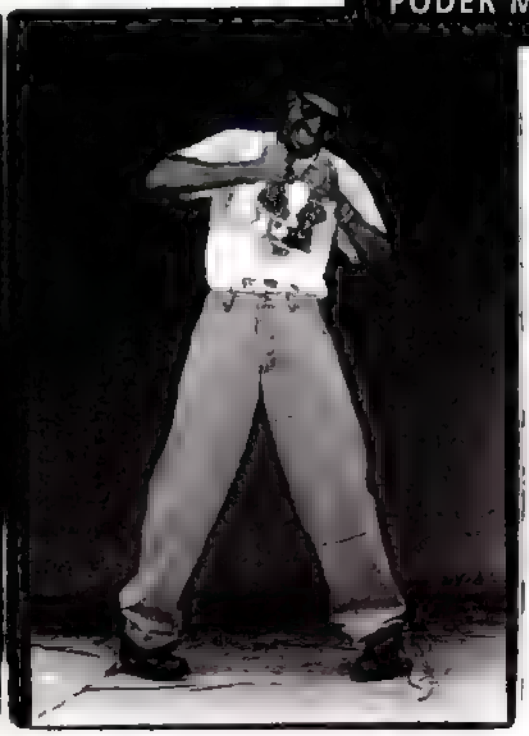
Paulo Lima

←Serginho Groisman veste camisa da coleção de verão Brooksfield by Dudalina em foto feita pelo amigo de infância Bob Wolfenson.

A Trip Girl Ira Barbieri clicada por Nando Buco.
Edição de Moda: Flávia Lafer; *Coordenação de Produção:* Monica Mendes; *Assistente:* Patricia Soares
Beauty: Marcos Costa (First /Wella)
Sandálias Havaianas, Camisa xadrez Sea Club. →

2000
BEACH

PODER MUDAR PODER MUDAR PODER MUDAR PODER MUDAR PODER MUDA



ZAPPING

SHOPPING IGUATEMI

ZAPPING

ER MUDAR PODER MUDAR PODER MUDAR PODER MUDAR PODER MUDAR PODER

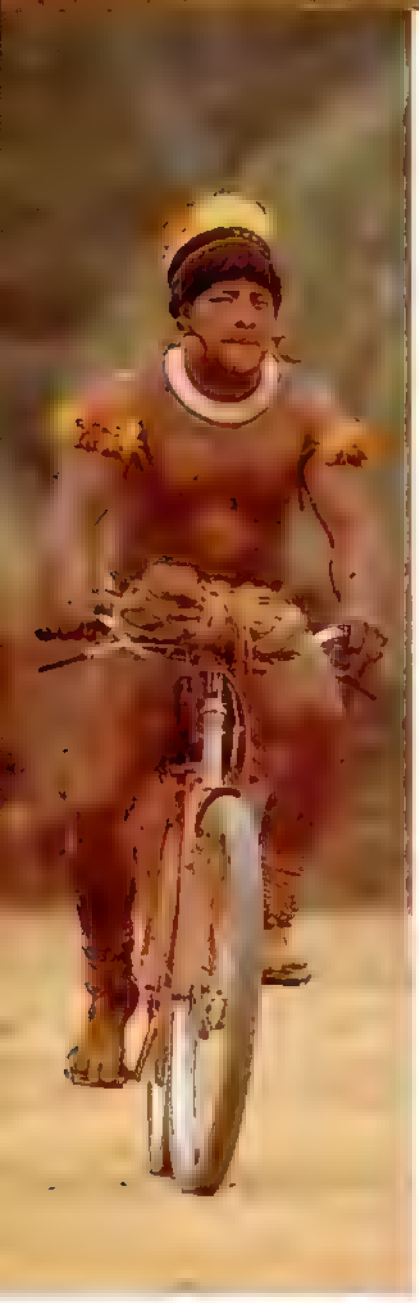
Mim gosta dinheiro

Loucos por dólares para comprar motos, câmaras de vídeo e antenas parabólicas, os índios do Parque Nacional do Xingu abriram as portas à reportagem da MTV (que colhia imagens para o MTV Sports) e da TRIP — numa parceria inédita e que promete. Veja com quantos paus se faz um Kuarup.

ganhá

Por Jorge do Espírito Santo*

Fotos: Annibal Neto



Já vai longe o tempo em que índio queria apito. Agora as comunidades indígenas — os peles-vermelhas não gostam de ser tratados como tribo — do Parque Nacional do Xingu fazem mais barulho querendo camisetas, tênis, shorts, pilhas, relógios e, principalmente, dólares, muitos dólares. Até índio já sabe que cruzeiros reais não valem nada mesmo.

Os índios, literalmente, vestem a camisa do branco. Com as notas verdinhas americanas, eles aproveitam para ficar em dia com a modernidade. Compram trator, moto, aparelho de CD importado e antena parabólica, para se ligarem nos últimos acontecimentos transmitidos pela CNN. O preço dessa atualização (ou aculturação, como queiram) acaba saindo caro demais, tanto para quem paga como para quem acredita que está recebendo.

Chegar ao Xingu, por si só, já é fazer um programa de índio - do tipo em que se tem que levar cocar, apito e autorização da Funai. A partir de Brasília começa uma sucessão de "seja o que Deus quiser". A primeira parte da viagem é até São Félix do Araguaia em avião bimotor, e o restante é feito em monomotor até as aldeias, com direito a enfrentar tempestades ocasionais — quando o avião parece uma folha de papel ao sabor do vento — e a bruma seca que domina o trajeto.

CHARME INDÍGENA

Programa de índio, para quem se aventura pelo Alto Xingu, quer dizer Kuarup, a festa dos mortos. Várias tribos são oficialmente convidadas para a festança e, como de praxe, também recusam o convite, para só depois de uma certa insistência aceitarem participar — um caso típico de charme indígena. Outras tribos se autoconvidam ou conseguem penetrar no balaco. Essas últimas são as tribos dos caraíbas, os caras-pálidas que invadem a aldeia nos dias de festa.

Entre escassos pesquisadores, muitos gringos se dizendo "amigos" e "protetores" dos índios e muita gente sem fazer nada (leia-se turistas), estava a turma do *MTV Sports* para gravar um verdadeiro programa de índio. O representante dos cariocas espertos e apresentador do programa, Márcio Garcia, aventurou-se pela selva para mostrar os nativos do Brasil praticando esportes de ação.

Depois de uma recepção não muito amigável dos índios e tensas negociações para saber quanto iria custar o ingresso para a festa, Márcio conseguiu mostrar que no Xingu também rola muita adrenalina. Com certeza, a chegada da equipe assustou os peles-vermelhas. Afinal, eram duas câmeras

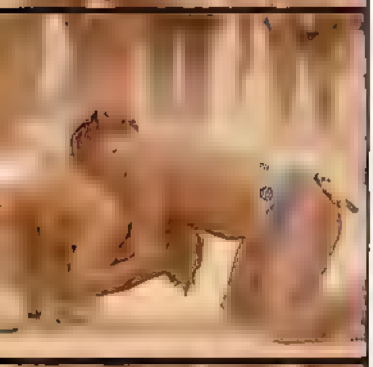
A dança do Xingu

Depois de duas escalas de avião – uma em Brasília, outra em São Félix do Xingu –, a equipe consegue chegar à aldeia Yuwalapiti. As crianças correm, os adultos cercam o avião.

O transporte na aldeia é feito de bike até para ir à cerimônia do Kuarup, que acontece ao som low-tech de flautas e percussão de pedaleira.

Martírio na taba

Entre os sinais da aculturação estão a antena parabólica – que traz o futebol e a CNN pra taba – e uma bomba d'água, movida a energia solar. Mas ainda há sinais de antigas tradições. O enfaixamento de joelhos e tornozelos das adolescentes é uma delas. Tudo porque as moças precisam ter pernas fortes, para suportar o trabalho pesado. A interação com a mãe natureza ainda rola. Uma índia caiapó adotou cinco filhotes de arara, com direito a alimentação boca-a-boca e banho de língua depois da refeição.



Betacam, um microfone enorme, diretor, repórter, produtor, fotógrafo da Trip, dois cheques no valor de quanto os índios cobraram a visita, mais duas caixas de roupas para doação. E, para piorar, todos falando português fluentemente. Os índios só podiam mesmo levar um susto. Eles parecem estar mais acostumados com gringos falando um português arrastado, com muitos dólares na bolsa e com interesse em "adquirir" arte indígena. Não era bem esse o caso da tchurma do esporte.

Antes, porém, era preciso rolar o Kuarup. Depois que os índios choram seus mortos em volta de troncos de madeira — Kuarup quer dizer "expor madeira ao sol" —, tocam suas flautas e dançam, é hora de pegar no pesado. Tem início o huca-huca, uma luta que mais parece sumô. No começo, todo o descampado da aldeia, do tamanho de um campo de futebol, está deserto, com apenas dois homens ajoelhados e cabeças abaixadas. Então, o yayat, uma espécie de mestre de cerimônias, chama os campeões locais, que desafiam os guerreiros das

outras comunidades.

Dois lutadores vão para o centro da aldeia e começam o yoetikawa (como os índios chamam a luta). Braço esquerdo à frente, giram gritando "ahn, ahn, ahn", enquanto marcam o ritmo batendo os pés no chão de terra batida. É a senha para que os dois se agarrem pelo pescoço, se ajoelhem e tentem derrubar um ao outro. O combate não chega a durar nem um minuto, e não é fácil descobrir quem venceu: parece que ganha quem derruba o outro. Só que muitas vezes ninguém é derrubado e se dá a vitória a um dos lutadores. Coisa de índio.

AGARRA-ME SE PUDERES

O vencedor é saudado aos gritos por todos os participantes da festa. Depois das lutas dos campeões, o huca-huca fica aberto para quem quiser entrar na briga. Pelo visto, todo mundo parece esperar por isso. A aldeia se transforma numa grande agarração: basta um índio chamar o outro para o pau, que o desafiado é obrigado a entrar na roda.

Às vezes a situação para quem é desafiado deve ser desesperadora. Alguns índios — para dizer a verdade, a maioria — são completamente sarados. Devem pesar entre 90 e 100 quilos, alimentados durante toda a vida à base de proteína (peixe) e carboidrato (mandioca). O resultado disso está na cara dos lutadores:

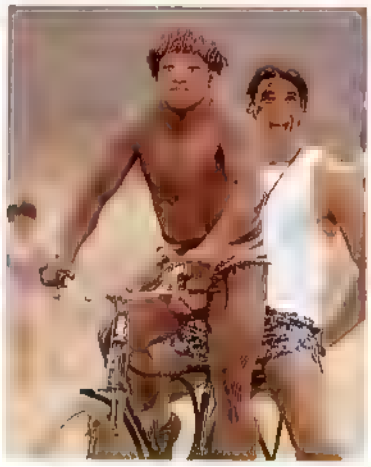
Huca-huca
Depois de chorar seus mortos, incentivados pelos gritos da platéia – "aha! aha!" –, os guerreiros vão pro pau, levantando poeira. O centro da aldeia é a arena e os desafios vão rolando. A luta não chega a ser tão divertida como os Astros do Ringue, mas pode render umas belas videocassetadas.

depois da terceira luta, as orelhas e as bochechas ficam em carne viva (graças às mãos do adversário). E nem por isso eles param de lutar.

Depois de ver o Kuarup e principalmente a força do huca-huca, o cair da tarde xinguana convida a repetir um hábito indígena: deitar na rede e ficar em estado contemplativo. A aldeia Yuwalapiti parece estar numa posição privilegiada no que ainda resta do povo indígena do Brasil. Aritana é uma liderança que não tem nada da indecisão e incerteza de outros chefes da região. Ele é capaz de dizer na pálida cara dos brancos que eles levam o veneno para o Xingu ou recusar um pedido que não esteja em seus planos.

Este tipo de atitude não se encontra, por exemplo, no Capoto, uma aldeia no Baixo Xingu, distante uma hora e quinze de viagem de avião a partir do Alto Xingu. É muito menos em áreas de conflito declarado entre índios e garimpeiros, caso de Haximu, em Roraima, onde aconteceu o massacre dos índios ianomâmi.

apoio
BYRNE



SELVA DE DÓLARES

O fotógrafo *Annibal Neto* teve muito para contar depois de passar cinco dias no Xingu. A viagem começou atravessada. "De Boeing, tudo bem. Mas, quando voamos no bimotor, passei mal. O bicho chacoalha mais que touro mecânico".

Com o pouso veio o alívio e a vontade de trabalhar. De cara, encontraram os índios ensaindo para o Kuarup, cantando e dançando. Rápido no gatilho, Annibal saiu clicando tudo que via — só para tomar um safanão de um índio presente. Não que a foto roubasse a alma — era preciso acertar os detalhes financeiros primeiro.

O susto se repetiu todas as vezes que tentava bater uma foto. Bastava estar com a câmera para ser rechaçado. "Com a câmera na mão, tudo o que recebia era pedidos de grana, tênis, bermuda, camiseta. Eles queriam tudo. Mas a gente já tinha pago uma selva de dólares para fazer a matéria! Um absurdo".

E quando encontrou o cacique Aritana e sua DT-180 foi barrado no baile. Para conversar, até que deu pé. Mas o jeito foi mesmo deixar o equipamento na tenda para não ter que encarar "índios enormes", que ao primeiro som do clic intimavam: "Setenta dólares ou cinco mil cruzeiros reais".

Disneylândia

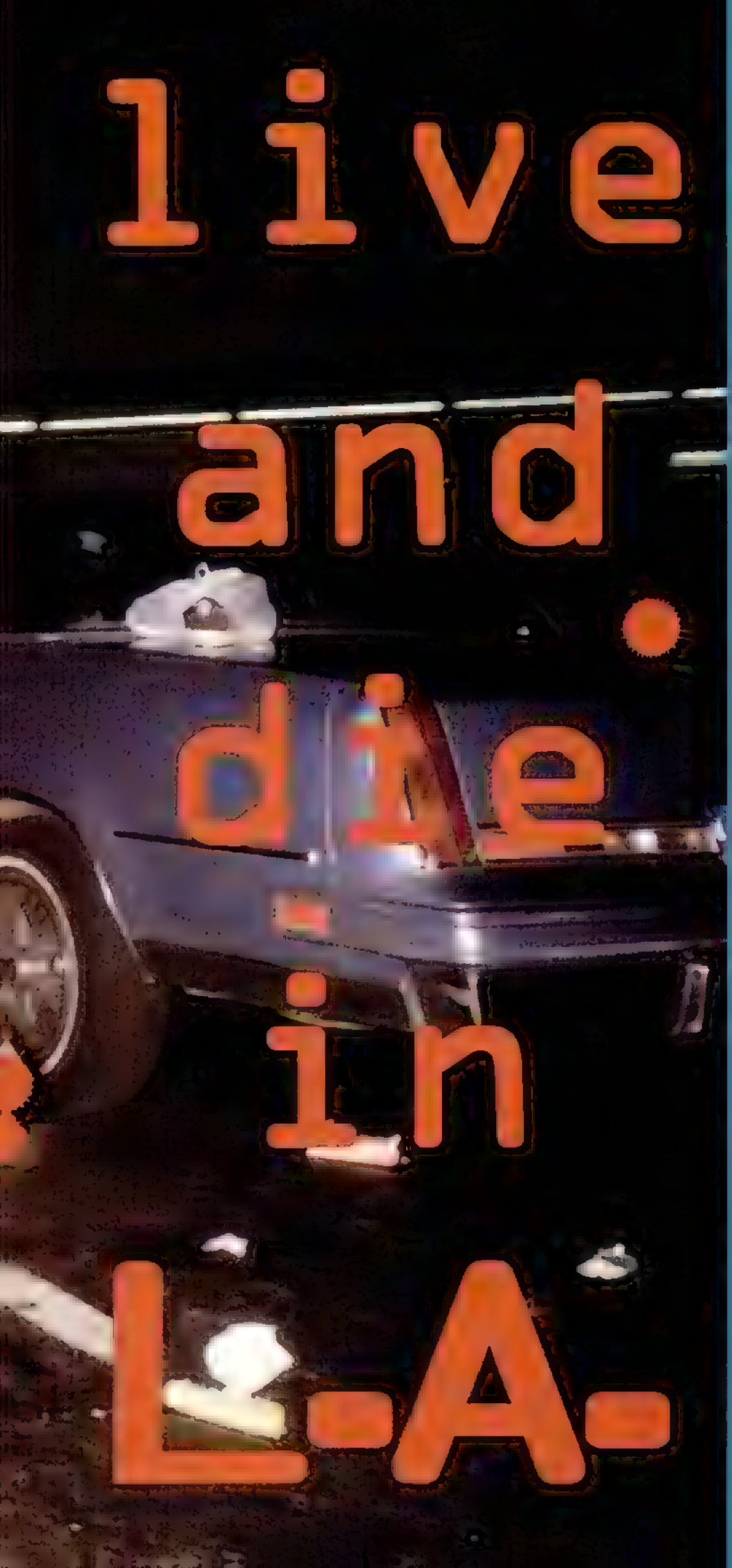
A aldeia Yuwalapiti não tem montanha russa, nem casa do terror, mas atrai muitos fãs da vida selvagem. As atrações: pinturas no corpo feitas com urucum, passeios de bike (Márcio, da MTV) e o prato principal dos calapós, as tartarugas, que ficam dez dias sem comer para limpar os intestinos, só pra virar banquete. A turma da MTV esteve lá.

Golden Brazil

PHONE (011) 814-1738 FAX (011) 815-4948

texto e fotos: Dag Oehrlund

Em vez de enviar observadores internacionais ao Rio de Janeiro, a América tem que olhar para o próprio umbigo. Repare na cara de bonzinho dos rapazes da foto.



live and die in L.A.

Todo dia alguém é morto pelas balas das perigosas gangues de Los Angeles, sem nem saber porque. Los Angeles tem 7.800 policiais que supostamente devem guerrear com mais de 45.000 membros das mais de 300 perigosas gangues de rua, que fazem dinheiro com as lucrativas vendas de drogas. Não é um trabalho normal de polícia, é guerra, guerra sem esperança.

Seis horas da manhã. Detetives do West Bureau Crash munidos de coletes à prova de balas atacam uma casa em busca de um jovem negro membro de uma gangue, procurado por estupro e sequestro. Ele foi achado e preso e foi considerado culpado pelos crimes que realizou.

É sexta-feira à tarde, terrivelmente quente. O medo está no ar. Medo do tráfico de drogas, dos tiros e das mortes violentas. Enquanto o sol vagarosamente se põe atrás do gigante estádio de esportes chamado Coliseum, um homem anda na direção de um microfone. É o chefe de polícia de Los Angeles, Daryl Gates que diz: "Já é o bastante. Eu estou bravo e frustado. Eu declaro guerra. É hora de mostrar para estes pequenos covardes podres quem controla isto aqui, e desta vez eles vão escutar. No domingo, pessoas desta cidade vão à igreja e temos certeza que desta vez se sentirão seguras". Na frente de Daryl Gates, mil dos mais duros policias de Los Angeles estão sentados na arquibancada escutando. Suas caras estão tão duras quanto o metal das pistolas automáticas que têm em mãos. Estão todos prontos para ir para a guerra em Los Angeles, uma cidade onde ninguém está salvo. Uma guerra contra 45.000 pessoas divididas em aproximadamente 300 gangues, em volta dos mais de 3 milhões de habitantes que vivem em pânico constantemente.

A costa da Califórnia que os turistas não conhecem.

Um dia antes, ainda outro tiroteio aconteceu. Um grupo de pessoas estava parado na calçada conversando, na esquina da 46th com a Raymond avenue, quando um carro com membros de uma gangue pipocou ao lado deles, vindos não se sabe de onde. Ninguém entendeu nada. Já era tarde demais. O fogo das armas automáticas quebrou o silêncio e Stacy Childress, um jovem de 19 anos, morreu com uma bala perdida. Uma criança de 4 anos, chamada Deshawn Holly levou tiros no abdômen e nas pernas. Quatro balas perfuraram as pernas de Lionel Robinson, 20 anos. Nenhuma destas pessoas tinha nada a ver com drogas ou gangues, eles só cometeram o erro de estarem no lugar errado, na hora errada. Exatamente no meio de uma briga de morte entre duas gangues. Daryl Gates mandou seus oficiais para as ruas com as seguintes palavras: "Tenham cuidado,

mas não demonstrem perdão. Sejam certos e caiam pesado nos membros das gangues". Menos de 60 minutos depois, a primeira prisão de suspeitos. Este primeiro grupo de presos está sendo trazido de volta para a estação de polícia temporária montada atrás do Coliseum. Durante 24 horas, 1.413 pessoas foram presas, 1.124 deles estão sendo identificados como membros de gangues envolvidos em todos os tipos de crimes violentos. É uma tremenda quantidade, considerando o fato de que as prisões foram feitas apenas na parte central sul de Los Angeles e não em toda a cidade. Mesmo assim, isto não faz o problema desaparecer. No dia seguinte as vendas de drogas, estupros, roubos, raptos, sequestros e assassinatos continuam 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Viver em Los Angeles, Hollywood, Inglewood, Santa Mônica, Venice ou qualquer outra cidade perto de Los Angeles é como viver na Irlanda do Norte ou em Beirute. Desde os últimos 15 anos, Los Angeles é uma verdadeira zona de guerra, na qual cada cidadão vive seu medo de ser assassinado. Durante o ano de 87, 387 pessoas foram assassinadas em tiroteios relacionados com gangues no condado de Los Angeles. Destes 387, somente uma minoria era dos membros de gangues. Os demais eram pessoas inocentes que passaram no lugar errado, na hora errada. Durante o primeiro semestre do ano de 88, 85 pessoas foram assassinadas e esta estatística aumenta a cada dia. "É uma guerra longa, que a gente perde lentamente", dizem os policiais da unidade especial chamada C.R.A.S.H. — Comunity Resources Against Street Hodlums — fundada exclusivamente para combater gangues. "As gangues têm mais pessoas, melhores carros e equipamentos de rádio mais avançados que os nossos", dizem. Isto só pode acabar de um jeito: se os políticos não acordarem tarde demais.

RED HOT AND BLUE

Em Los Angeles há 7.800 oficiais de polícia, menos de 200 deles estão relacionados exclusivamente com a luta contra as gangues. Eles têm que lutar contra estas 300 gangues rivais, divididas em 2 grupos principais: os *Crips*, que estão sempre vestidos com cores azuis e os *Bloods*, que só se vestem com roupas vermelhas. Vestir um suéter vermelho e andar na parte azul da cidade pode significar morte instantânea. Recentemente uma garota de 11 anos foi asssassinada a bala vestindo um suéter vermelho. Nem ela, nem sua mãe, tinham a menor idéia de que a região da escola da garota era considerada um território azul.

As mais antigas gangues da área de Los Angeles têm cerca de 70 anos.

Tudo começou por volta de 1915, quando imigrantes mexicanos começaram a formar gangues para proteger suas famílias e quar-teirões dos ataques de outros grupos. Entre 1930 e 1950, grandes grupos de negros vieram pra área. Em 65, Los Angeles foi chacoalhada por conflitos raciais e grupos negros fundaram gangues para proteger os seus direitos. No final dos anos 60 e começo dos 70, o cenário das gangues mudou. Mais e mais pobres, desempregados e deseducados membros de gangues viram a oportunidade de fazer suas vidas à partir do tráfico de drogas. A máfia foi lentamente empurrada pra fora dos negócios de drogas nas ruas. Hoje, grande parte do movimento de importação de drogas continua controlada pela máfia, mas toda a negociação de rua está nas mãos de gangues. Ser membro de uma gangue hoje, não tem nada a ver com a defesa dos direitos humanos. O único motivo é fazer milhões de dólares com o tráfico de drogas e todo os tipos de crimes violentos. As gangues estão ficando mais fortes a cada dia. Na parte central sul da cidade, eles são predominantemente negros. Na parte oeste, as gangues são hispânicas, vindos do

Oficiais do West Bureau Crash numa batida notuna checam membros de gangues e fazem prisões.

Armas pesadas da última geração garantem efeitos especiais dignos de Hollywood.

"Não fume crack no salão de jogos".

Além das tatuagens, as cores das roupas e os cortes de cabelo são códigos que identificam os membros das gangues. João Alves e Ricardo Fluza não usam tatuagens.

Perú, Nicaragua, Honduras, Panamá, El Salvador e outros países pobres. Eles se autodenominam de *Playboy Gangsters*, *Hoover 60's*, *White Fence Locals*, *TJs* ou *18 Streeters*, só para mencionar alguns grupos.

Todos eles nasceram perdidos e de repente viram a possibilidade de fazer grandes fortunas com o dinheiro das drogas. Eles não tem respeito por nada, nem leis, nem polícias e nem vidas humanas. Em seus tiroteios de sangue, usam armas automáticas e atiram pra matar. Não ligam para quem estiver em seu caminho, seja inocente ou não. O problema parece não ter solução, uma vez que os políticos preferem pensar de uma maneira curta e não ampla. Eles não vão além da próxima eleição. Todos sabem que milhões de dólares recolhidos em impostos deveriam ser gastos para construir uma educação melhor e para oferecer empregos aos pobres como alternativa para deixar o tráfico de

Membros de gangues geralmente usam tatuagens que mostram a que gangues eles pertencem.

drogas. Ao mesmo tempo, teria que ser criado um controle mais duro nas fronteiras pra prevenir a entrada de drogas no país. Tudo isto poderia levar 15, 20 ou até 30 anos, por isso nenhum político quer fazer planos para tanto tempo, já que ele não vai mais ser político daqui 15, 20 ou 30 anos. De outro lado, ele sabe que pode perder a próxima eleição por estar pedindo para os cidadãos pagarem mais impostos no próximo ano. No ano passado, o chefe de polícia Daryl Gates pediu a mais de 700 oficiais para patrulhar as ruas de Los Angeles. O custo estimado para os contribuintes seria de US$80 anuais por pessoa.

O pedido de Gates foi rejeitado.

Outro dia uma mulher inocente foi assassinada a tiros nas ruas de Los Angeles. Amanhã outras pessoas inocentes poderão morrer por balas de uma gangue e no dia seguinte e no outro dia.

Reebok

Basketball Student League 94

GU MARAES PROFESSIONAIS

Venha ver

KAREEM ABDUL JABBAR

na decisão do Torneio Início da Reebok Basketball Student League 94. Uma prévia do campeonato que a Reebok está lançando no Brasil para ativar o esporte nas escolas e revelar uma nova geração de atletas.

Reebok Basketball Student League

Poliesportivo do Ibirapuera
(Ginásio Mario Pinheiro)
Dia 06/12 à partir das 15h.

atrocínio:

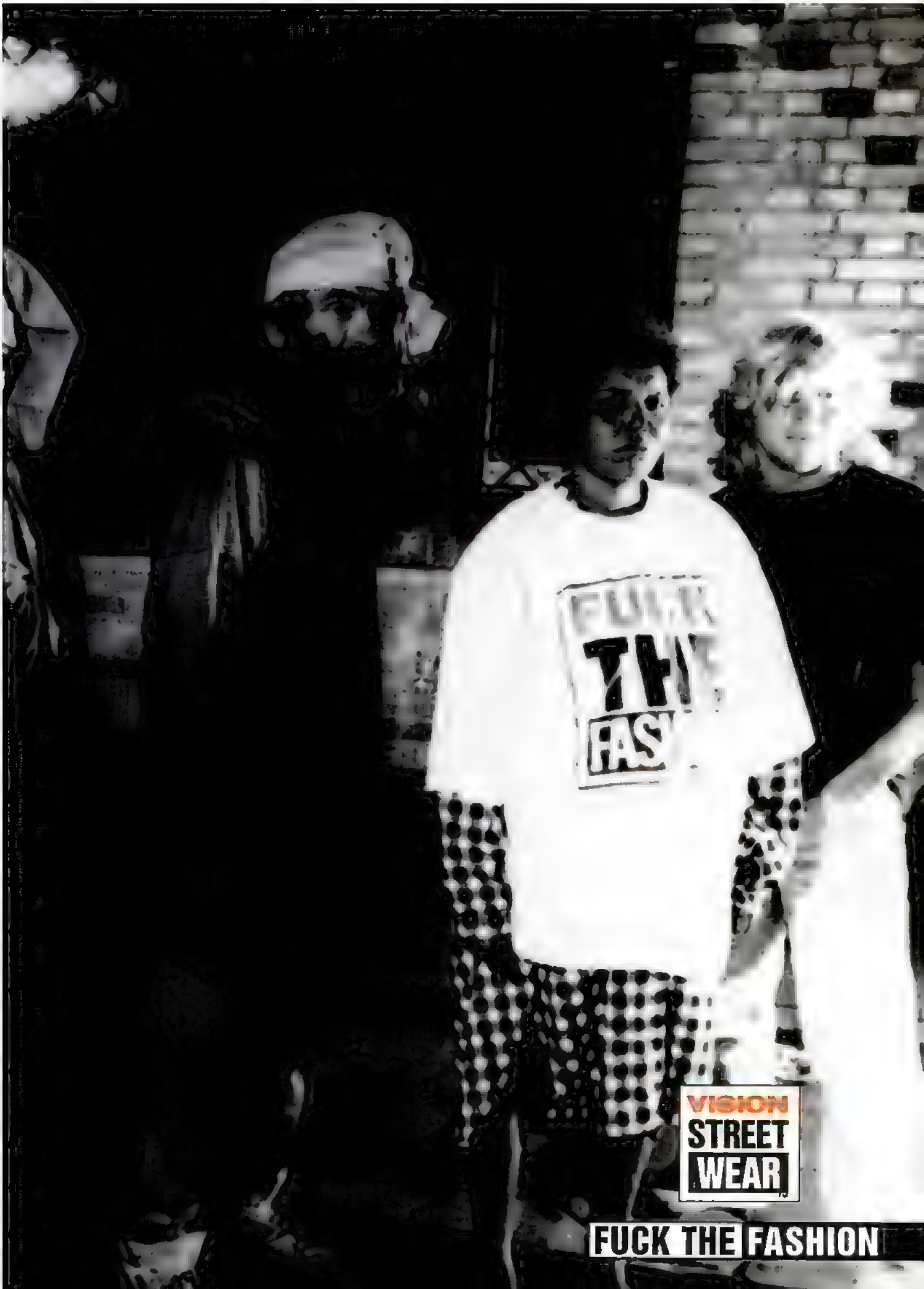
A nova geração do basquete brasileiro vai se formar na escola.

Reebok

A CARA DA VISION

ANIBAL NETO

LOJAS VISION ÷ SURF COMBAT ÷ Bi Cesare Textiles e Confec. Ltda ÷ Rua Bom Pastor,1515 ÷ Ipiranga [illegible] Ltda ÷ Rua 24 de maio, Lj. 150 ÷ Centro [illegible] (011) 322-6774 ÷ Jesse Star ÷ MG ÷ Rua [illegible] Elias Flaquer,276 ÷ Santo André ÷ SP ÷ Por[illegible] Confec. Ltda ÷ Rua Barão de Itapetininga,167/ 172 Lj. [illegible] Fones: (011) 258-3135/258-3781 ÷ Bi Cesare Textiles Confec. Ltda ÷ Rua Campos Sales,[illegible] 412-71[illegible] Shaila Nana Niax ÷ MG ÷ Av. Pano de Barros, 22 [illegible] Fone:(011) 93-6942 ÷ Sueli [illegible] Gerais ÷ MG ÷ Rua Tupi,223 Lj.12 ÷ Londrina [illegible] Confec. e Acessórios Ltda ÷ MG ÷ Rua Primitiva Vianna,20[illegible] (011) [illegible] Comercial Ltda ÷ Rua Marechal Deodoro,446 Lj.31[illegible] MG ÷ [illegible] 1-3515 ÷ Rua Paula Oliveira Castro ÷ Av. 77,150 ÷ sala 1[illegible] 3733 ÷ W.B. Com. Confec. Ltda ÷ MG ÷ Rua Felipe Schi[illegible] Lj. 28[illegible] Marianópolis ÷ [illegible] (041) 264-2298 ÷ Estamar Com. Art. Esport. Ltda [illegible] Marechal Floriano Peixoto,[illegible] 48/49 ÷ Santos ÷ SP ÷ Fone: (0132) 45-873[illegible]


VISION
STREET
WEAR
FUCK THE FASHION

Wear World

Você vai ver nestas páginas, além das imagens provando a uniformidade da moda no mundo inteiro, a opinião de observadores atentos a respeito do fenômeno mundial que está sendo chamado de street wear. A origem nas pistas e ruas do skate, a influência na moda de ponta e as opiniões de um dos maiores estilistas de street wear do mundo.

Have fun!

marcos lopes

A marca brasileira Zoomp se adiantou e parou São Paulo num desfile em julho deste ano.

A rua na passarela e a passarela na rua. Com a direção de Rafic Farah, a cenógrafa "Loira" e a equipe Zoomp sacaram a sinergia absoluta entre os dois mundos.

paulo lima

paulo lima

marcos lopes

É tudo uma coisa só. Quanto mais a rapaziada busca a individualidade, mais se veste como gado. O mesmo uniforme no mundo inteiro. A calça larga do skate que se inspirou na cadeia foi cobrir a bunda dos rappers, atraiu rockers e já bate nas canelas dos playboys. A mesma coisa com gorros rasta, tênis puma de camurça azul, bonés, camisas e calças listradas, t-shirts de bandas mega e desconhecidas.

Tudo muito rápido, como nos videoclipes — aliás, um dos grandes transmissores da informação que orienta a moçada no mundo todo. A MTV emana sua *americanidad* por toda Europa via Londres, Brasil e agora novas versões na América Latina. O garotão mexicano e a loirinha belga vêem o mesmo gorro preto na cabeça do Ice-T ou do Anthony Kiedis.

Em 84 na Europa, era incrível notar as diferenças no modo de ser e vestir da moçada de cada país: Os portugueses ainda usavam calça de tergal, sapato passo doble e camisa estampada — do tipo "jovem". Em Barcelona e Madri, as jaquetas e uniformes do exército começavam a dominar. A Itália vivia o festival "gel no cabelo", camisa de colarinho com camiseta branca e mocassins sem meia. Na Inglaterra, todo mundo era ex-punk e dark, enquanto na França os jeans 501 com blaser preto e camiseta branca eram o melhor. Cada rua tinha um estilo.

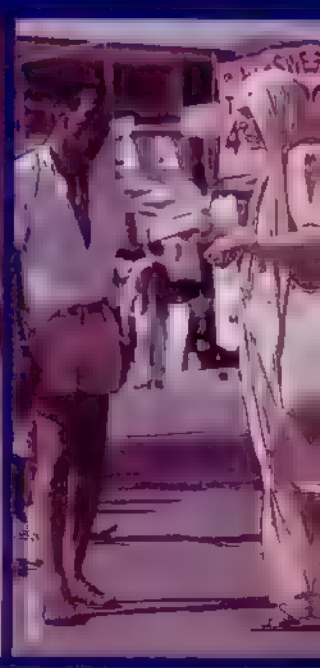
Acabou. Quase dez anos depois, nossa reportagem fotografou a moda nas ruas em Amsterdã, Rio, Sarajevo, Lisboa, Sidney, Bali, Paris, São Paulo, NY e Venice Beach (Los Angeles). Tudo igual. Se tirássemos as legendas das fotos, dificilmente o leitor identificaria o país. O garotinho balinês veste bermuda Quiksilver e boné dos Lakers. A barraca de guarda-chuvas na feira portuguesa vende camisetas do Metallica iguaizinhas às do garoto de Venice ou do torcedor da fiel corinthiana num clássico do Morumbi.

Por fim, no meio do gado, nossa equipe conseguiu catalogar quatro sub grupos com algumas diferenças ou semelhanças entre si nas ruas do planeta:

tipo 1 — Bem Lôko — pós skater-trash;
tipo 2 — Butthead ou MTV-rasta-rocker;
tipo 3 — Brechó-flea-market ou hippie-pobre;
tipo 4 — Básico, clean ou cool-zão.

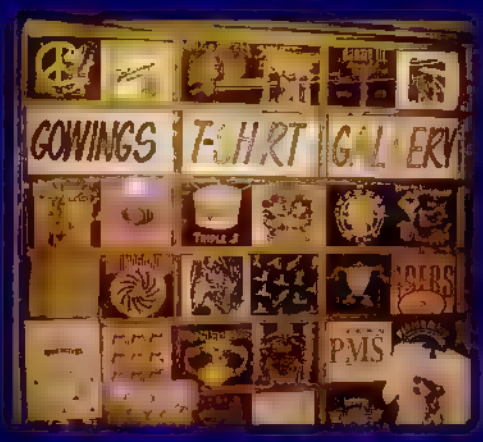
Paulo Lima

O clubber na rave em São Paulo jura que é o único. Em Bali, um nativo veste a saia e segue o cortejo fúnebre. Trajes funerários lá, rave wear aqui.



Esqueça aquele crediário absurdo que você paga há vários meses, só porque comprou umas pecinhas na sua loja preferida no shopping. Meta a mão no bolso, e vá atrás de roupas que custem o que você tem. A originalidade é quase impossível de ser alcançada, já a criatividade...

SIDNEY



PORTUGAL

João Barbosa

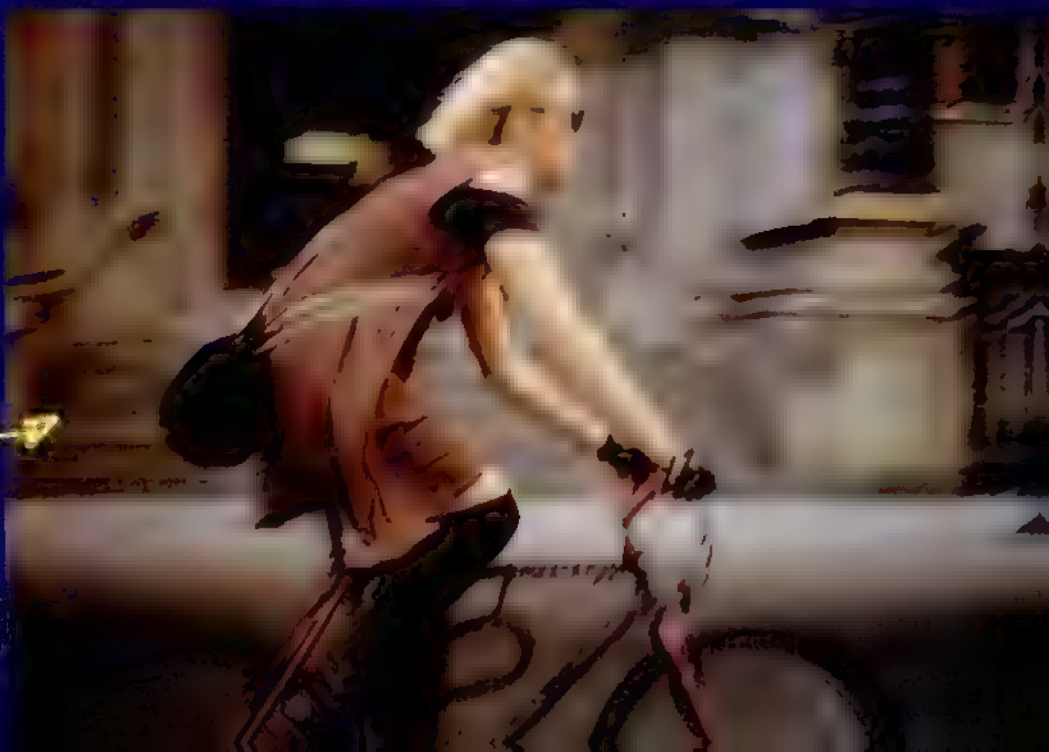
VENICE

Nas calçadas do flea-market holandês, nos camelôs de Venice, no paralelepípedo português ou nas *surfshops* de Surfer's Paradise, na Austrália. Quase nada muda, só a moeda e os preços.

Anos 80: *Wall Street*, ternos alinhados, gel, *body building*, *lycra* marcando os músculos e culto ao "eu" — eu sou o fodão, eu vou me dar bem.
Anos 90: Venice Beach, roupas largas dando liberdade sem exibir, corpo shapeado por anos de esportes. *Tribe culture*: cada um na sua, junto com seu povo.

N.Y.

"Já fui punk, rocker, metal e bunda-mole. Agora, eu sou é muito louco!"



Fotos Paulo Lima

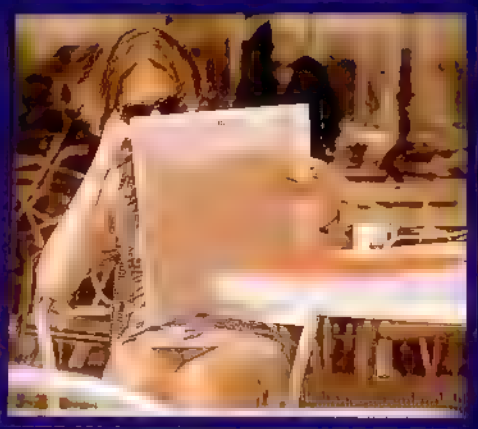
Não são tranças, são dreads. Europeus, brasileiros, americanos ou jamaicanos, dreads são dreads. Uns vão ao coiffure, uns usam cera de abelha, outros deixam a sujeira assumir a bagaça. Cabelo que nem bucha, a água entra fácil e sai difícil. Cores: vermelho, amarelo e verde.

BRUXELAS

Amsterdã, o que é o *Hair Club*?

PARIS

VENICE



Os vestidos de camponesa agradam em Amsterdã ou em Los Angeles. Flores pra que te quero? Revivel, my friend.

YOHO DÉCIC S.P.

VENICE

S.P.

Na busca da eterna diferenciação — "Eu tenho essa calça, você não tem" —, a multidão fina os olhos nas revistas e na TV. Se igualam a seus ídolos e, quase sem querer, se tornam visíveis à distância — "O fulano com camiseta do Body Count curte rap, metal, pega onda, bebe Coors e é a favor do *legalize it*". Uniformize-se. Diferente mesmo, mas não muito original, só o estudante americano que resolveu andar pelado. Doses de originilidade, criatividade, coragem. Resultado: xilindró.

A rua invadiu a passarela

Cansados dos ateliês, os estilistas largam tudo e mudam de rumo. A idéia é usar o grande laboratório de moda -a rua- para fazer as coleções. A lista dos nomes inclui gente que movimenta milhões (ou bilhões) de dólares em desfiles de estação, como Calvin Klein, Martin Margiela, Perry Ellis. Nada como uma boa olhada além das vitrines. De Paris, Nova York ou São Paulo, não importa.

A tendência de cada década é geralmente a negação da anterior. Os anos 90, portanto, estão negando o glamour yuppie dos anos 80. O novo movimento é o anti-glamour — desde o novo padrão de beleza representado pela magricela Kate Moss, até as roupas destruídas e reconstruídas pelo belga Martin Margiela.

Não dá para esquecer as produções da fotógrafa inglesa Corine Day, que parecem não ter produção nem maquiagem — na verdade tudo é tão calculado quanto em qualquer outra foto. Tudo por personagens reais — ao contrário do que se fazia nos anos 80 com as supermodelos (Cindy Crawford, Linda Evangelista). Aliás, as meninas estão perdendo milhões com a mudança. Nos tempos de crise, os contos de fada não colam mais...

Esta nova safra de modelos foi apelidada pelos americanos de "*waifs*", tradução: criança abandonada. Elas são menores, desengonçadas e têm um olhar de cachorro que caiu da mudança.

Hoje, as roupas têm ares de usadas. A novidade apareceu há um ano pelas mãos dos novos estilistas belgas, logo adotados pelos editores de moda. Que, aliás, consomem tudo muito rápido. Um bom exemplo é o *grunge*, nada mais do que um nome criado na imprensa para um estilo que sempre existiu. A MTV, instalada em cinco continentes, era o que faltava para a uniformização da garotada. Agora, aquelas pessoas que reviravam brechós e faziam o maior esforço para não parecerem óbvias, correm um grande risco de saírem na rua e encontrarem os *fashion victims* vestidos com elas.

Há um ano e meio, o estilista Marc Jacobs roubou estas idéias das ruas e levou-as às passarelas. Fez uma coleção inteira inspirada no *grunge* para a marca Perry Ellis, e foi apontado o melhor estilista do ano. Só que os vestidinhos floridos de sua coleção custavam nada menos que 2 mil dólares, enquanto nas ruas de NY comprava-se o original por 20 dólares — no máximo. Talvez, por isso, depois desta coleção, Perry Ellis fechou a sua divisão de moda feminina.

Aqui no Brasil alguns exemplos de idéias que surgiram das ruas são as legítimas havaianas, que estreiam nos pés das modelos do catálogo verão 93/94 da G, ou as bermudas de skaters no catálogo da Triton e da Vision. Tudo está sendo consumido muito rapidamente pela mídia, e, depois deste rápido revival dos anos 70, pode esperar que o punk vem aí.

Flávia Lafer, produtora do *MTV a Go-Go* e editora de moda

foto maria fontes / catálogo zoomp

Durante a preparação do desfile da coleção Zoomp, os roadies da equipe que montava o som foram flagrados na rua cheios de estilo e acabaram nas páginas do catálogo da Zoomp

"Nas ruas, a moçada faz as regras: trocam os cadarços dos tênis, usam cordões no lugar do cinto e zoam nas gavetas. Isso é streetwear, quem não conhece as ruas não sabe qual é." Alberto Turco Loco da Vision Street Wear do Brasil, trabalha duro no design dos panos da Vision e foi um dos primeiros brasileiros a acreditar na força das ruas como geradoras de tendências.

A VISION BRASILEIRA TOMOU AS RUAS PELA VIA DO ROCK'N'ROLL. DO SEPULTURA AO OKOTÔ, NINGUÉM ESCAPA.

Tribo Stüssy

Shawn Stüssy costumava ser classificado como um estilista do surfwear. Primeiro: ele detesta ser chamado de estilista. Segundo: não desenha surfwear. Está mais para o que a revista *ID* classificou como " um Ralph Loren da rua", com influências que vão dos esportes de praia ao baseball, muito couro e larguras.

Stüssy entrou meio atravessado no mundo da moda. Começou quando tinha treze anos, fazendo os melhores shapes de pranchas. Apesar de continuar fazendo pranchas no tempo que sobra, há seis anos sua principal atividade é a moda. Se no começo eram apenas camisetas coloridas, agora o ponto de vista mudou. Em vez de criar roupas para os surfistas na praia, Stüssy aos 34 anos faz coisas para os surfistas usarem fora dela.

Fazendo um marketing alternativo, a marca Stüssy virou sinônimo do estilo de vida da rua, no mundo inteiro. Suas lojas estão em Nova York, Paris, Tóquio. E, para acabar de vez com a discussão, apenas 40% de sua produção acaba nas lojas de surfwear. Além disso, não espere encontrar a produção de Shawn em qualquer loja de departamentos.

Em suas andanças pelo mundo, Stüssy assimila o que há de novo no cinema, música e nas ruas e volta pra Califórnia colocando mais uma coleção na passarela. " Quando eu crio uma roupa, faço com que seja algo que gostaria de comprar, de usar. Eu não quero parecer um palhaço. Nenhum dos meus amigos quer", avisa Stüssy, que chama seus consumidores de amigos.

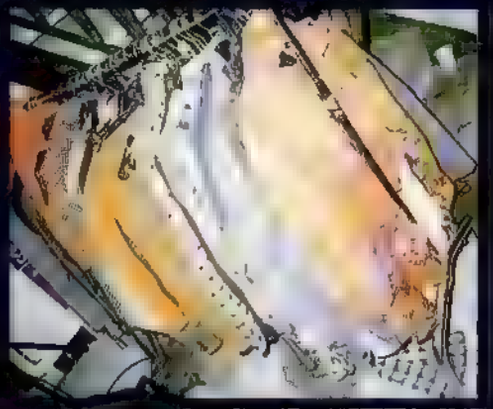
Enquanto a marca se espalha pelo mundo, os amigos vão aumentando e gerando novas idéias. O resultado mais recente é o disco *Vibe Holds Jah Tribe*, cujo crédito diz: " o primeiro disco reunindo a International Stüssy Tribe". As quatro faixas têm de tudo: hip hop, house, reggae e jazz rap. Em Londres, já está rolando até um vídeo, dirigido por James Lebon, onde a tribo Stüssy do mundo inteiro aparece andando de skate, em pistas de dança, surfando, etc...

Num hospital desativado que virou centro de arte independente, o ateliê do africano Xuly Bety.

Funky Fashion

Virar cult fazendo moda em Paris é tarefa árdua. Frente à concorrência pesada, poucos se dão bem. O descendente de africanos auto-intitulado Xuly-Bet conseguiu. É hoje citação obrigatória quando se fala em moda underground na Europa. Com um ateliê junkie montado num ex-hospital — adaptado para alojar músicos, artistas plásticos e outros criadores que pagam aluguéis simbólicos subsidiados pela prefeitura —, Xuly se especializou em "recuperação de matéria". Produz, por exemplo, camisas com tecidos de antigas vestes cirúrgicas e outras nojeiras do gênero. Para quem faz o estilo brechó-flea market-hippie-pobre, wanna be fashion é um prato cheio.

(P.L.)



Xuly (±50) mostra uma de suas peças "recuperadas" a uma "fashion victim" deslumbrada.

Durante o mundial de skate na Alemanha, as "skate sistas" devidamente uniformizadas com calças largas, camisas xadrez e tudo que tem direito. Repare no detalhe da ressurreição dos tenis puma de camurça azul.

fábio bolota

A anti-moda virou moda XX-Large

As ruas sempre foram e sempre serão as grandes passarelas do que se entende por moda e comportamento. A grande selva expele e absorve informações tão rápido quanto a desvalorização do dinheiro no seu bolso. Como todo mundo sabe, a moda transforma-se na mesma velocidade das informações que nos bombardeiam todos os dias.

Esqueça as passarelas tradicionais e vamos para a rua, onde a moçada dita modas e estilos, mistura todas as tendências. A tão falada "street-wear" é uma mistura criada pelas tribos dos esporte de ação — skate, surf e snowboard — e influência diretamente seus praticantes no mundo inteiro. Lógico, cada esporte possui o seu traje adequado. Mas nunca se ouviu falar de "tennis-wear, "frescoball-wear" ou "asa-delta-wear". E ninguém é visto por aí desfilando com shortinho de tênis nas escolas. Já o skate-wear e a surf-wear são realidade

fábio bolota

apoio:

"Ser igual ao resto é tudo o que eu não quero". Desencana e toma sua posição na boiada, mané.

Jail-wear

Esta linha de mostrar cuecas, calças com cavalos grandes, bocas e camisetas largas, surgiu de uma história engraçada. Quando os presidiários entravam nas cadeias, entregavam-lhes qualquer roupa; com o passar do tempo, as roupas ficavam ainda mais folgadas e iam caindo — porque cintos e cordões podem ser usados como arma nas cadeias. Os gangueiros saíam assim das prisões e assim ficavam.

Na Califórnia, principalmente em Los Angeles, onde as gangues são encaradas seriamente, este estilo de se vestir está causando um certo desconforto para quem usa e para quem faz. É que, com essa onda de roupas largas que dominam as ruas, já não se distingue um *gang member* de um consumidor. A polícia fica de olho e os estabelecimentos comerciais chegam a proibir a entrada de pessoas trajadas deste modo.

A tendência agora, principalmente no skate, é manter tudo largo, mas não exageradamente. Foi o que vi na Alemanha durante o Mundial de Skate, que reuniu em Münster os melhores do mundo — mais os famintos consumidores de toda parte, movimentando ainda mais a indústria do skate-wear, ops, diga, street-wear.

O Brasil possui uma característica única em relação ao mercado do street wear. É um dos únicos países do mundo que praticamente não importa as roupas, criando suas próprias grifes enquanto outros países do mundo apenas adquirem marcas — a maior parte delas americana. Só nos resta um pouco mais de originalidade, criatividade e pagar menos passagens para sugar as tendências de outros países.

Moda é moda. Vem e vai. O que hoje é o máximo, amanhã pode ser uma merda. A anti-moda de ontem é a moda de hoje. Grunge é a mãe. Isto é moda. Amanhã a gente inventa outra!

Fábio Bolota, é skater há 14 anos e edita a revista especializada *Tribo Skate*

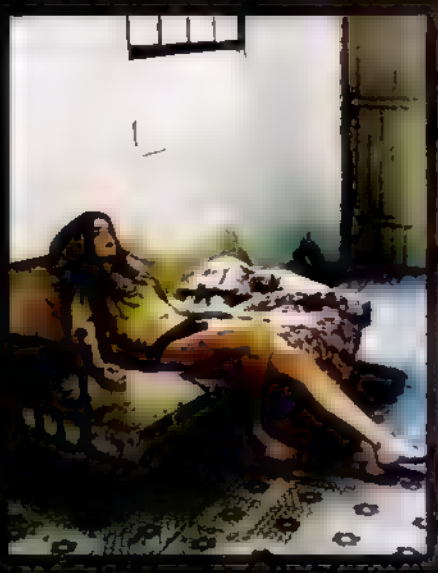
just
what
you
want
820.3732

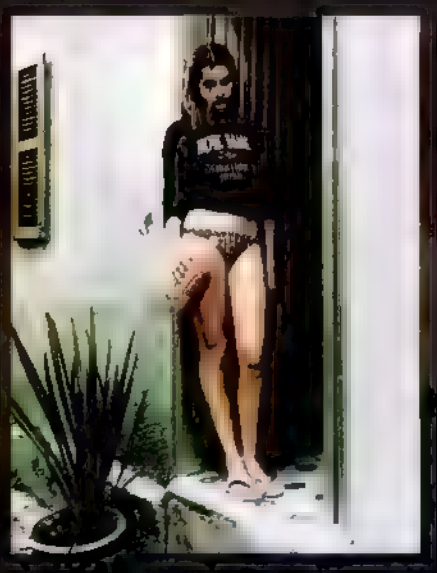
Taça Jules Rimet, DOI-CODI, Médici, camisa Cacharel, Jairzinho, Vila Sésamo, Rua Maria Antônia. Os anos 70 no Brasil não tinham tanto do glamour que se teima em reviver. A moçada andava sem saída e, ao mesmo tempo, cheia de vontade de lutar. Fazia parte da luta, a angústia de passar dias fechado num "aparelho", como eram chamados os apartamentos e casas ocupados pelas organizações subversivas. Esperar, se esconder, imaginar um futuro azul. Brasil. Ame-o ou deixe-o.

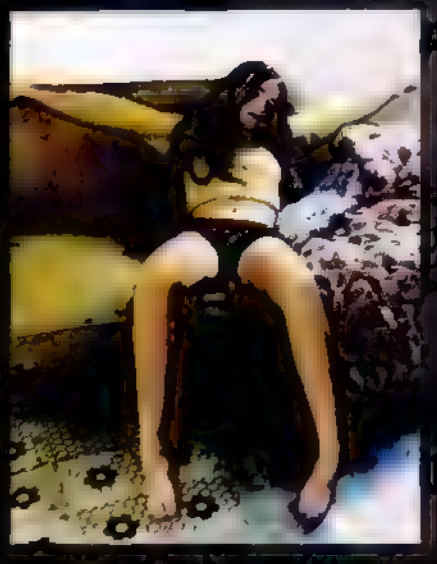
Soutien Valisère

Displicente. Despojada. Dada. Dura. Danada.
A Trip Girl dos 70 era um duende impossível de decifrar.
Na década do Eu, dançava suas faces como Medusa com allure de Jane Fonda, Jodie Foster, Julie Christie, Diane Keaton, Faye Dunaway, Cybill Shepherd, Maria Schneider.
Podia ser uma amante cínica de Dirty Harry.
Podia ter a mão de Carrie que sai da tumba para estrangular os caretas.
Podia ser a companheira relutante do Homem que Caiu na Terra.
Podia ter a atitude "no future" da call-girl de "Taxi Driver".
Podia ter desarmado a Laranja Mecânica.
Podia ser a princesa de "Guerra nas Estrelas".
Podia consolar os repórteres de "Todos os Homens do Presidente".
Podia dançar para os soldados viajando de LSD em "Apocalipse Now".
Podia seduzir um intelectual em "Manhattan".
Podia conceber uma filha e ser assassinada pelo pai John Huston em "Chinatown".
Podia ter impedido Jill Clayburgh de incestuar seu finhote junkie em "La Luna".
Podia ter entortado a cabeça de Warren Beatty em "Shampoo".
Podia ter copulado no deserto em Zabriskie Point.
Podia ter desvirtuado o Passageiro.
Podia ter dançado o Último Tango em Paris.
Podia ter se metido entre Pat Garret and Billy the Kid.
Podia ter sido Uma Estranha no Ninho.
Podendo ser tudo isso, esta Trip Girl escolheu a camisa da Vitti.
O relaxo entregue.
A timidez provocante.
Em memória do último ano de sonho do Brasil milagroso.
A Trip Girl dos 70 viveu Medici e Jules Rimet, Ali e De Gaulle, Janis e Deng, o Maverick e o terrorismo, os sheiks e Barbie, Kissinger e Pinochet, Geisel e Bowie, Nixon e Watergate, Sonia Braga e Mao, Juruna e a abertura, Sadat e Darth Vader, Elvis e o AI-5, Spielberg e Travolta, Khomeini e Delfim, o punk e o milagre.
Viveu uma trip de som e fúria que como um hit do Led Zeppelin a fez mergulhar de cabeça na piscina dos perdulários 80 de Reagan e Thatcher e nos ecológicos e politicamente corretos 90 de Collor e Clinton.
A Trip Girl de hoje tem uma memória apenas virtual dos 70.
Quando o cinema era tão importante quanto a vida.
Quando o cinema era até mesmo maior que a vida.
Depois veio o vídeo.
E a vida ficou pequena.
Pelo menos há uma trip girl ao nosso lado.
Acompanhando nossa via crucis por esse vale de lágrimas virtuais, lânguida e capeta, espreguiçando-se como uma siamesa volúvel e nos fazendo lembrar de Jodie Foster em "Taxi Driver" ou de Faye Dunaway em "Chinatown".

Pepe Escobar

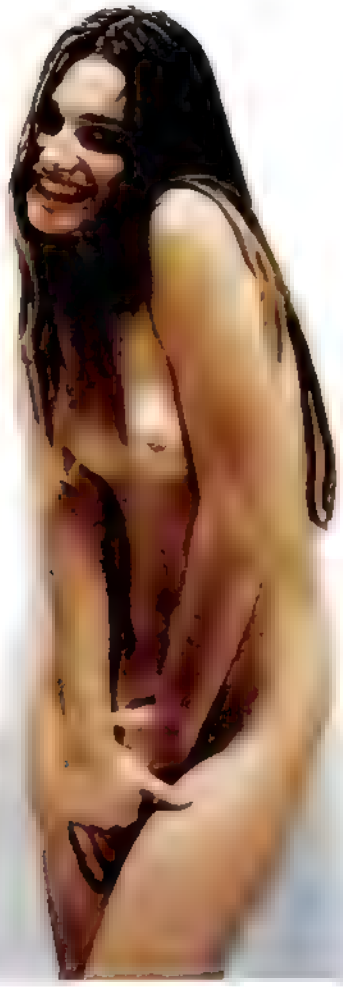


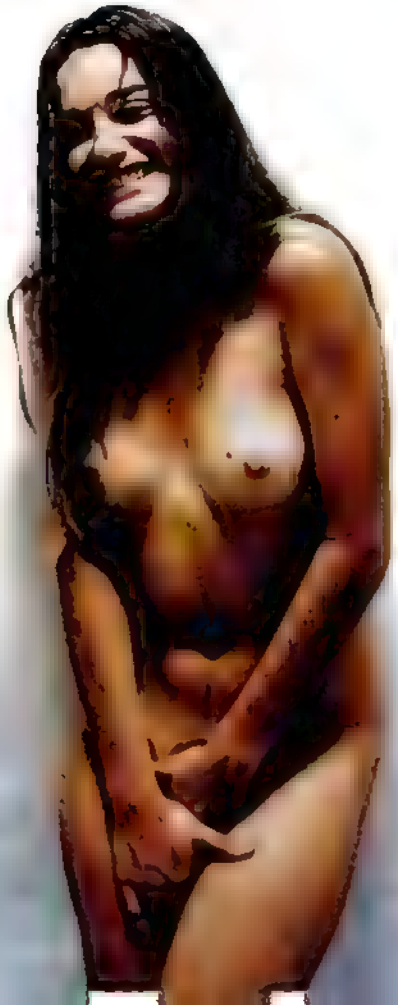


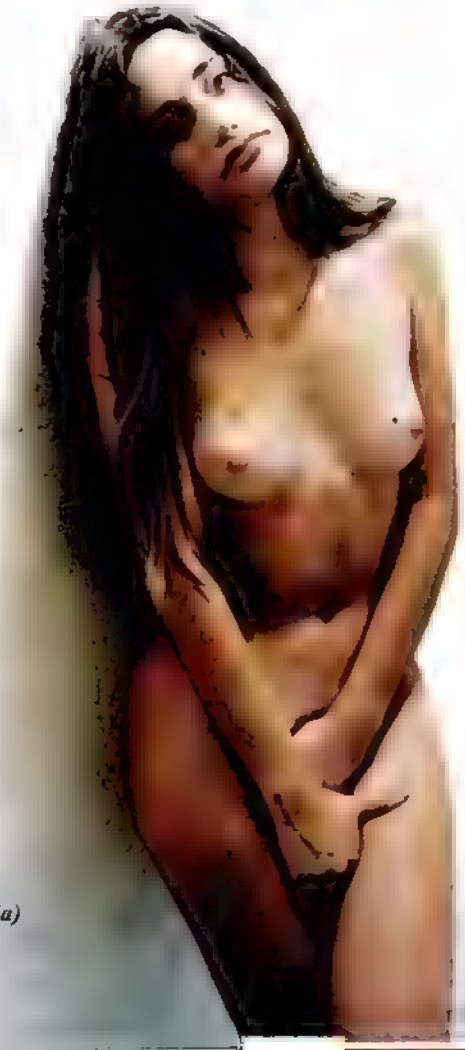


CBF
BRA

Camiseta Herring







Fotos: Nando Buco

Edição de moda: Flávia Lafer

Coordenação: Mônica Mendes

Produção: Patrícia Soares

Beauty: Marcos Costa (First/Wella)

WHO'S THAT GIRL?

Depois de competir com centenas de gatas num casting gigante, Ira Barbieri, uma catarinense de 18 anos deixou malucos os responsáveis pela seleção de modelos que dariam cara à coleção da confecção paulista Forum.
E, de repente, os lábios over e a expressão junkie de Ira estavam estampados em convites, anúncios e outdoors em todo o Brasil. Não é só fachada.
A indiferença e o estilo jogado são mesmo características desta menina do Sul que vive em São Paulo.

Camisola Reinaldo Lourenço

TRIP — Como você começou?

IRA — Foi com o concurso da M Officer, quando eu fui classificada para a final aqui em São Paulo

TRIP — Você já trabalhava lá no Sul?

IRA — Não. Eu comecei com o concurso

TRIP — Você gosta de ter a imagem associada à Forum?

IRA — Todo mundo fala que eu sou a cara e a modelo da Forum

TRIP — Você está namorando?

IRA — Logo que cheguei a São Paulo, comecei a namorar Mas o lance terminou

TRIP — Quem é ele?

IRA — O nome dele é Gustavo, estuda no Mackenzie e trabalha com animação em computador

TRIP — Como você conheceu a figura?

IRA — Numa das minhas idas à praia com a galera da Táxi, que na época era minha agência A gente se conheceu, eu acabei morando um mês com ele e com a mãe dele Aí a gente brigou, voltou e em junho terminamos de novo

TRIP — Por que?

IRA — Muito ciúme Ele era muito ciumento, cobrava muito por causa da profissão Achava ruim eu fazer testes de lingerie Do tipo "Você vai ficar de calcinha e sutiã na frente dos caras?" essas coisas

TRIP — E como era o sexo nessa história do Gustavo?

IRA — Eu gosto muito do Gustavo até hoje, tanto que eu acho que vai ser difícil esquecer Mas ele estava me sufocando, o relacionamento se esgotou Sou muito nova pra ter que ficar dando satisfação de onde eu estou, com quem, aguentar ciúme por causa dos amigos

TRIP — Como a Ira encara o sexo?

IRA — Eu não tenho uma gana Se tem é bom, se não tem tudo bem

TRIP — Como você escolhe o cara que vai transar com você?

IRA — Atração, tesão, carinho

TRIP — Você pensa em outra profissão, além de modelo?

IRA — Por enquanto ainda não deu Mas eu gosto muito de moda, de produção, de design

TRIP — Qual é o retorno do seu trabalho em termos de grana?

IRA — Profissionalmente é legal Não é uma super grana, mas também não fico muito apertada

TRIP — Um sonho

IRA — Trabalhar em Paris, conhecer gente bonita, ter nome

ENTREVISTA A ROBSON BRANDÃO

pearl jam

O LANÇAMENTO MAIS ESPERADO DO ANO

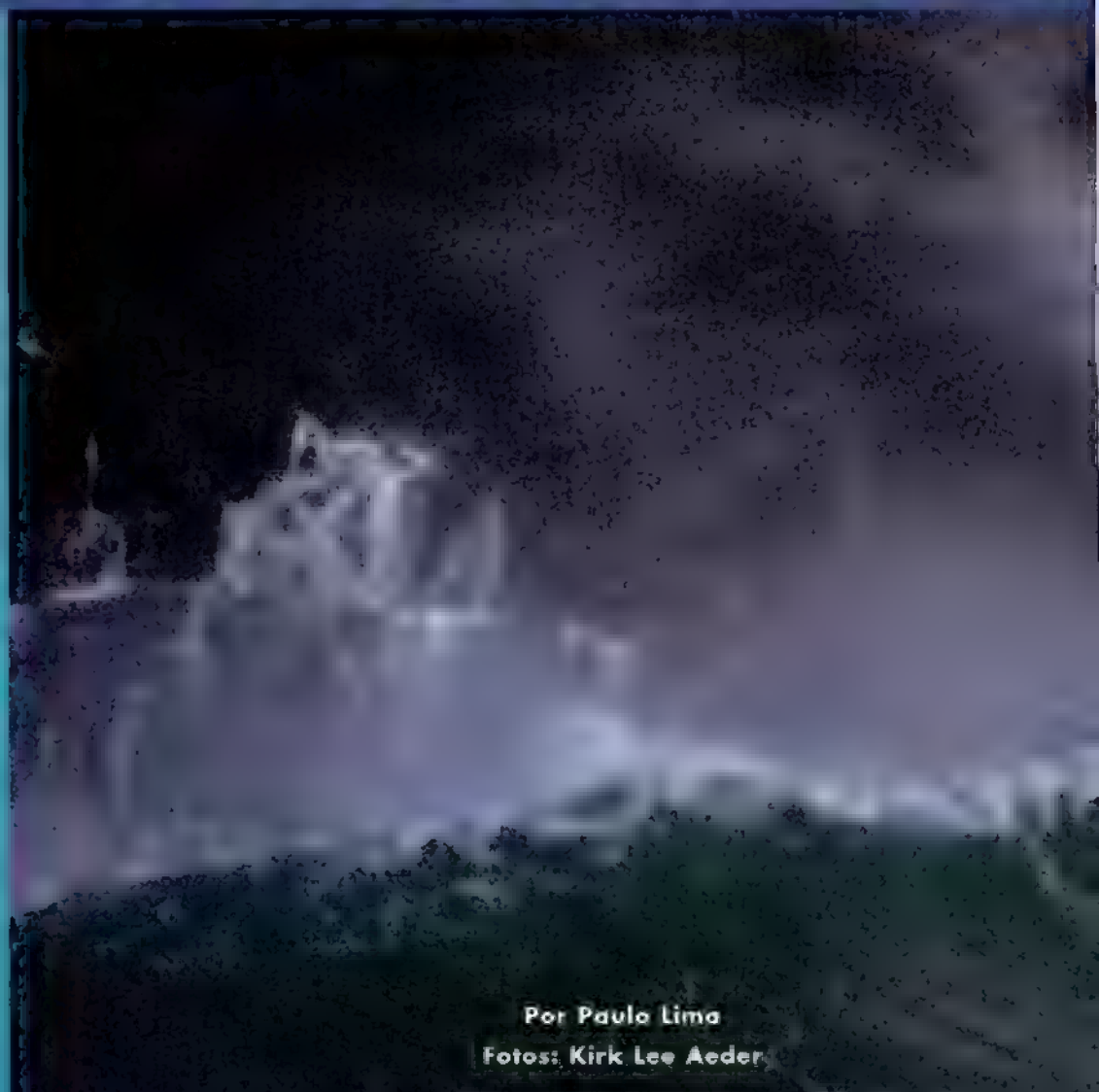
CD • K7 • LP
Sony Music

FOTO MORGADE

SOUL SURFI

o surf do futuro... e d

Salários, prêmios e campeonatos têm sua glamour, mas é ninguém mesmo é sentir a onda e curtir pelo prazer de levar a alma. Sem crachás, palanques, viagens.



Por Paulo Lima
Fotos: Kirk Lee Aeder

Fábio Gouveia, ex-campeão mundial de surf amador, e atualmente, aos 24 anos, um dos dez melhores surfistas profissionais do mundo, disse em outubro ao jornal paulistano *Shopping News* que está nessa pela grana. Entre outras virtudes, Fabinho carrega a sinceridade. É difícil imaginar surfistas como o ex-campeão mundial Damien Hardman ou o atual Kelly Slater fora do mundo das competições.

De outro lado, quem poderia conceber as imagens de Wayne Lynch, Gerry Lopez, Nat Young, Peter McCabe, Adê, Tico, Maraca, Bocão e principalmente Tom Curren presas a palanques, crachás e coletivas de imprensa? Convencionou-se chamar os caras deste segundo grupo de Soul Surfers — ao pé da letra, surfistas de alma. Numa tradução livre, surfistas soltos.

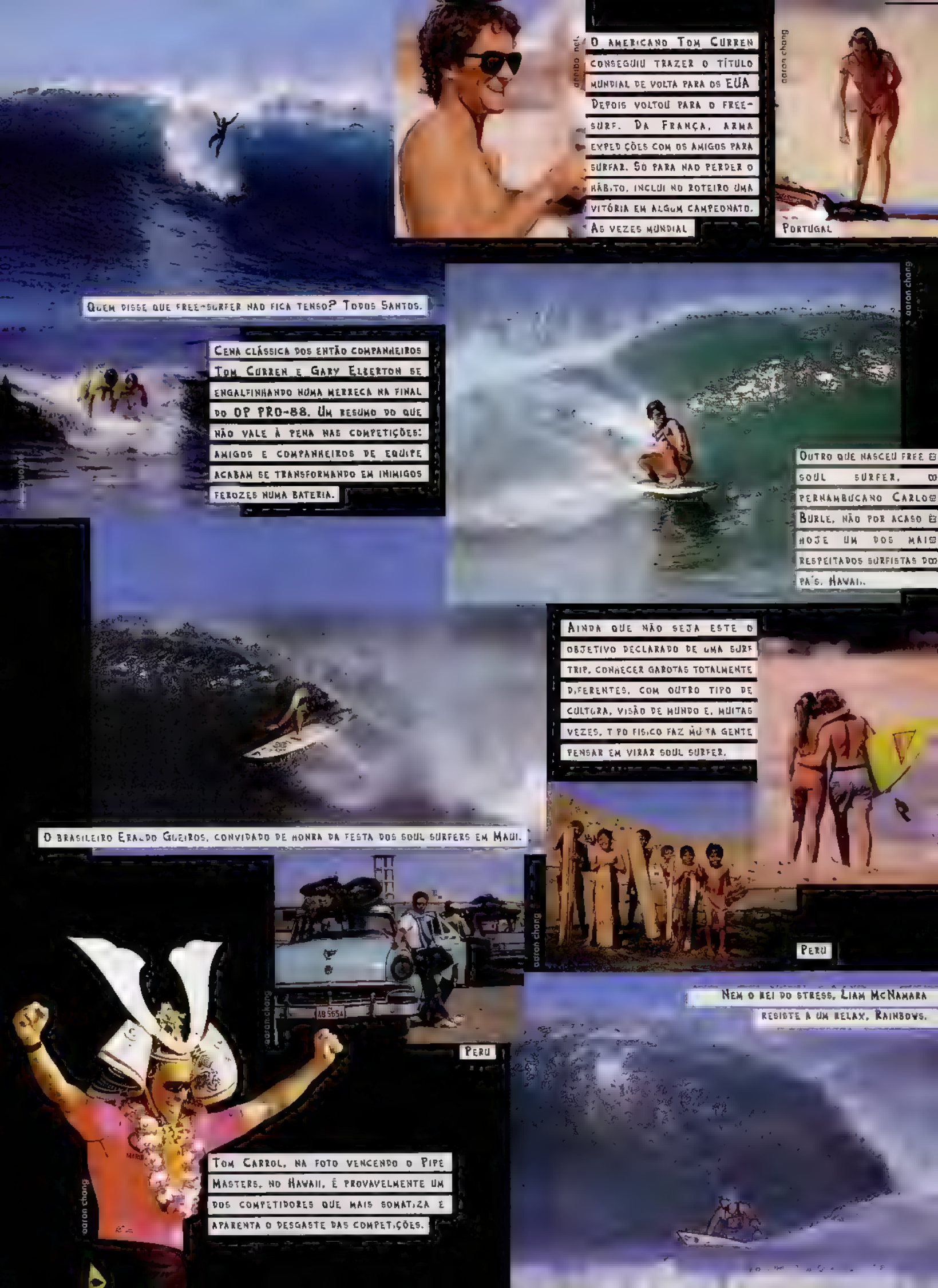
NG...

o passado.

Mark Anderson, Honolua Bay

Uma das principais virtudes do soul surfing é fortalecer amizades, tornando-as mais sólidas. Emoções fortes e experiências compartilhadas são a solda de amigos eternos

Dale Kalama, Maui/93



O americano Tom Curren conseguiu trazer o título mundial de volta para os EUA. Depois voltou para o free-surf. Da França, arma expedições com os amigos para surfar. Só para não perder o hábito, inclui no roteiro uma vitória em algum campeonato. Às vezes mundial.

Portugal

Quem disse que free-surfer não fica tenso? Todos Santos.

Cena clássica dos então companheiros Tom Curren e Gary Elkerton se engalfinhando numa meleca na final do OP PRO-88. Um resumo do que não vale à pena nas competições: amigos e companheiros de equipe acabam se transformando em inimigos ferozes numa bateria.

Outro que nasceu free & soul surfer, o pernambucano Carlos Burle, não por acaso é hoje um dos mais respeitados surfistas do país. Havaí.

Ainda que não seja este o objetivo declarado de uma surf trip, conhecer garotas totalmente diferentes, com outro tipo de cultura, visão de mundo e, muitas vezes, tipo físico faz muita gente pensar em virar soul surfer.

O brasileiro Eraldo Gueiros, convidado de honra da festa dos soul surfers em Maui.

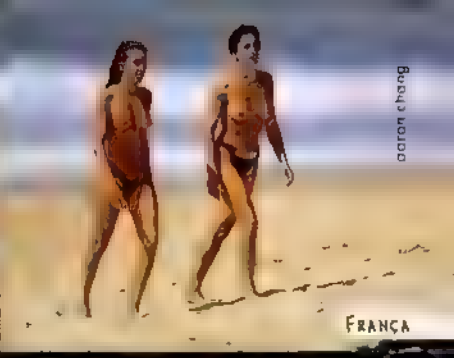
Peru

Peru

Nem o rei do stress, Liam McNamara resiste à um relax, Rainbows.

Tom Carrol, na foto vencendo o Pipe Masters, no Havaí, é provavelmente um dos competidores que mais somatiza e aparenta o desgaste das competições.

Havaii



França

Excelente nas competições, é no free-surf que Tadeu Pereira consegue manobras leves e descontraídas que fazem a praia levantar

Magoo de la Rosa & friends, Peru

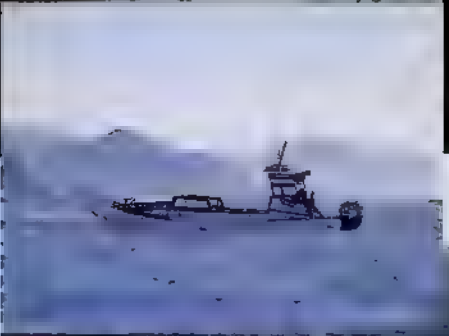
Chris Lassen acaricia Netuno

Peter King e João Barbosa Peniche, Portugal

Quando deixou a vida tranquila de Cambori, Flavio Padaratz não imaginava os testes a que seria submetido

Darrick Doerner, Waimea, Hawaii

Márcio, Todos Santos



O QUE VOCÊ PREFERE ENCONTRAR?
UMA CENA COMO ESSA OU UM PALANQUE LOTADO?

A EXPECTATIVA, O DINHEIRO, A MÍDIA SÃO OS ELEMENTOS QUE FASCINAM NUMA COMPETIÇÃO. NA CARONA, STRESS E DESGASTE INSUPORTÁVEIS.

AARON CHANG

ÁFRICA

AARON CHANG

LARRY RIOS, HONOLUA

Eles não são contra as competições. Muitas vezes até as vencem. Mas está claro nos semblantes, na simplicidade do visual, das pranchas e especialmente nos quilômetros rodados ao redor do globo, a percepção do tesão maior do esporte das ondas, a tal da filosofia que tantas definições infelizes já suscitou, tão difícil de cercar com palavras. A onda grande, experimentar o novo, o desconhecido, viver sem história, sem passado, buscar prazeres refinados que pouca gente consegue compreende

MAIS FORTE, MAIS VIRGEM, MAIS EMOCIONANTE

Para nós aqui da Trip só interessa este nível de surf. O da relação avançada, mais complexa. Admiramos e reconhecemos o valor e o prazer lúdico da competição e dos campeonatos. Mas simplesmente queremos mais, o máximo que se pode ter. A versão inteira, com cobertura extra cheese deluxe.

É bom notar que quanto mais evolui o sistema de apuração de pontos, a infra-estrutura dos campeonatos e até as premiações, mais os surfistas de ponta, os líderes do esporte, os formadores de opinião deslocam a cena para a viagem, a pesquisa da onda mais forte, mais virgem, mais emocionante. Das sólidas relações de amizade que surgem das barcas para lugares distantes e do amadurecimento em todos os níveis que nasce da experiência em terras e civilizações estrangeiras.

O fotógrafo americano Aaron Chang, que documenta o esporte há 25 anos e é considerado por muitos o mais completo profissional da área, já registrou as mais importantes competições de surf do mundo e viveu a rotina do circuito mundial por anos e anos. Aaron não se cansa de contar para os amigos mais chegados uma história que deixa escapar a razão de sua escolha pessoal e profissional pelo Soul Surfing.

DOSE DE RELAX

Destacado pela *Surfing Magazine* (provavelmente a mais importante publicação especializada em surf do mundo), Chang seguiu para uma pequena praia do litoral mexicano, chamada Pascuales, com três dos mais importantes nomes do surf internacional, entre os quais o várias vezes campeão mundial Tom Curren. Depois de alguns dias de convivência com o povo do lugar, ondas apenas razoáveis e uma boa dose de relax, pintou o grande dia. Ondas perfeitas de 6 pés quebrando para a direita, muito longas.

ENCAIXADO NOS QUADRIS
com uma levíssima flexão dos joelhos, ombros relaxados e soltos.
permanecer nesta posição, cortando a onda na velocidade dela durante muito tempo. Nenhuma
CLARK FOAM
A Nº 1 DO MUNDO
Chris Lassen, Rainbows.

Arquivo Irmãos Pereira

力
Kaing-Haw
PRONTA
ENTREGA
(011) 822-9290

Por Rizzo Ponce Cruz
Fotos: André Sanck

ARREPIA, Zé!

Coffin Joe anda aterrorizando o norte com seus filmes macabros — um fenômeno que merece ser analisado. Esta viagem ao estranho mundo do Zé do Caixão começou com uma conversa com o Zé Mojicano, instituto Médico Legal de Cotia. Brrr...

José Mojica Marins tinha 33 anos e estava prestes a começar um filme. Numa noite macabra, teve um pesadelo terrível: arrastado por uma figura sem rosto, toda vestida de preto, ele se vê diante do seu túmulo. "Fechei os olhos para não saber a data da minha morte, e quando acordei nasceu o Zé do Caixão". Trinta anos depois, em 1993, Coffin Joe vira cult na gringolândia.

Na tentativa de gerar um filho, o primeiro de uma nova raça voltada para o desenvolvimento da mente e dos poderes interiores do ser humano, Zé do Caixão sai à procura da mulher perfeita, aquela desprovida de sentimentos ou emoções."Só assim ela terá espírito de justiça e poderá dar à luz ao meu filho", justifica o personagem.

Os Zés vão se misturando, revelando dois lados quase antagônicos deste paulistano do Ipiranga. Para alcançar seus propósitos, Zé do Caixão — nascido Josefeu Zanatas — não hesita em cometer as mais escabrosas atrocidades com quem se intromete em seu caminho.

Mojica é mais sossegado, já levou alguns chapéus do pessoal do cinema, mas não guarda rancores. Zé "finalizou" várias pretensas noivas que não ser-viram aos seus ideais. Mojica já se casou 7 vezes, tem 23 filhos e nunca matou nin-guém.

Zé é um rico herdeiro de uma rede de agências funerárias. Mojica não herdou nada, seus pais venderam a casa para financiar seu primeiro filme, e só vai começar a ganhar grana lá para janeiro, quando a Something Weird Video pagar os direitos sobre comercialização das fitas lançadas nos Estados Unidos.

Em algumas ocasiões, o criador queria ser a criatura. "O Zé não tem sentimentos, não chora e tem coragem para enfrentar tudo e todos. Eu não". Entre um trago e outro do bastonete nicotinoso saído de um dos três maços diários da marca paraguaia Fama, o homem filosofa: "Cigarro é vida". Esse é o Mojica ou o Zé? "O Mojica. O Zé só fuma cachimbo".

paula lima

À meia-noite encarnarei em teu cadáver – há! há! há!
Na foto acima, Coffin Joe deixando o teatro em seu habitat.

**No dia 17 de dezembro, Mojica e sua trupe comemoram os 30 anos de vida do Zé do Caixão. Os interessados em participar da festa, onde será exibido o espetáculo* O Estranho Mundo do Zé do Caixão, *podem se informar com o próprio pelo telefone (011) 272-7004.*

Agradecimentos ao IML de Cotia.

FOLHATEEN
Adolescente é o
Eu sou Teen.
FOLHATEEN CRESCEU. MAS NÃO CRIOU JUÍZO NÃO.
AGORA SÃO 8 PÁGINAS TODA 2ª-FEIRA. COM PILHAS
DE NOVIDADES. MODA TEEN. MÚSICA TEEN. ECONOMIA TEEN.
DEFESA DO CONSUMIDOR TEEN. + ZECA CAMARGO, TODA TERÇA.
+ TEEN, UMA PÁGINA INTEIRINHA, TODA QUINTA,
SEXTA E SÁBADO, NA ILUSTRADA. FOLHATEEN. NÃO É PRA
ADOLESCENTE. É PRA TEEN.
FOLHATEEN. 2ª, NA FOLHA.
+TEEN. 5ª, 6ª E SÁBADO, NA ILUSTRADA.
FOLHA
Não dá para não ler!

W/Brasil

Copyright Quiksilver International '93

AQUI já era

Por Pepe Escobar
Fotos: Christian Gaul

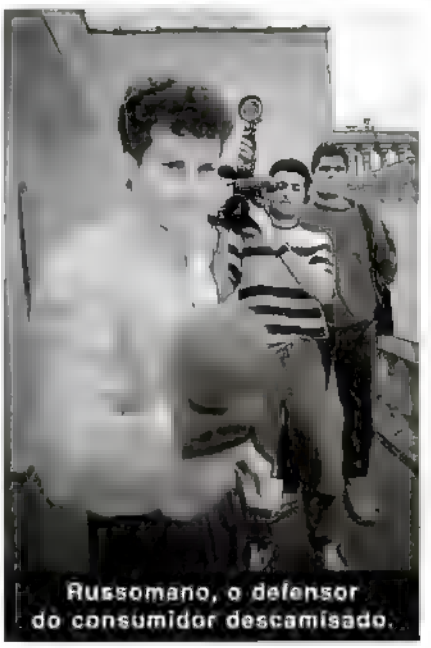
Fenômeno cult, Glauber Rocha reencarnado ou o mais puro lixo sensacionalista? Pepe Escobar dischava o *Aqui Agora*, que mexeu com a audiência da noite brasileira.

Imagine Aristóteles viajando no tempo, saindo da Grécia clássica do século 4 a.C. ao Brasil mar de lama do final do século 20. Aterrisa na Vila Guilherme, em São Paulo. Um ambulante tenta lhe vender uma coxinha. Aproveita para cantar um samba: "Mora/na filosofia/ pra que rimar/Ibope e dor..." O filósofo de quem se extraiu o suco básico da cultura ocidental fica perplexo. Só entende ao se deparar com uma edição do *Aqui Agora*.

Aristóteles inventou o silogismo. Exemplo de um típico silogismo: "Todos os homens são mortais". *Aqui Agora*, *AA*, baseia seu sucesso na matéria.

Só que sua premissa é completamente furada. O silogismo do *AA* seria algo assim: "A vida é violenta. *Aqui Agora* lida com a vida. *Aqui Agora* é a vida como ela é".

AA defende seu sucesso, que chega aos trinta pontos no Ibope em São Paulo (cada ponto representa 40.000 domicílios) como uma forma de jornalismo autenticamente brasileira. Seus criadores, Marcos Wilson e Albino Castro, costumam citar Glauber Rocha para defender seu formato de câmera na mão e planos-seqüência imitando o *scanning* do olho humano. Formalmente, OK. Mas subordinar estes princípios do cinema-verdade ao sensacionalismo sanguinário da imprensa marrom (ou rosa, ou escarlate) revela apenas o cinismo do marketing oportunista.


Russomano, o defensor do consumidor descamisado.

AA defende sua forma revolucionária. E desculpa o conteúdo pela violência da sociedade brasileira. Mas o jornal vibrante de repórteres eternamente arfantes jamais questiona as causas dos crimes hediondos perpetrados pelo banquete dos mendigos. Passear por favelas e seguir traficantes de merrecas de pó é um conto da carochinha comparado com o verdadeiro caso de polícia de 93: a CPI da gangue do orçamento, que *AA* não cobriu.

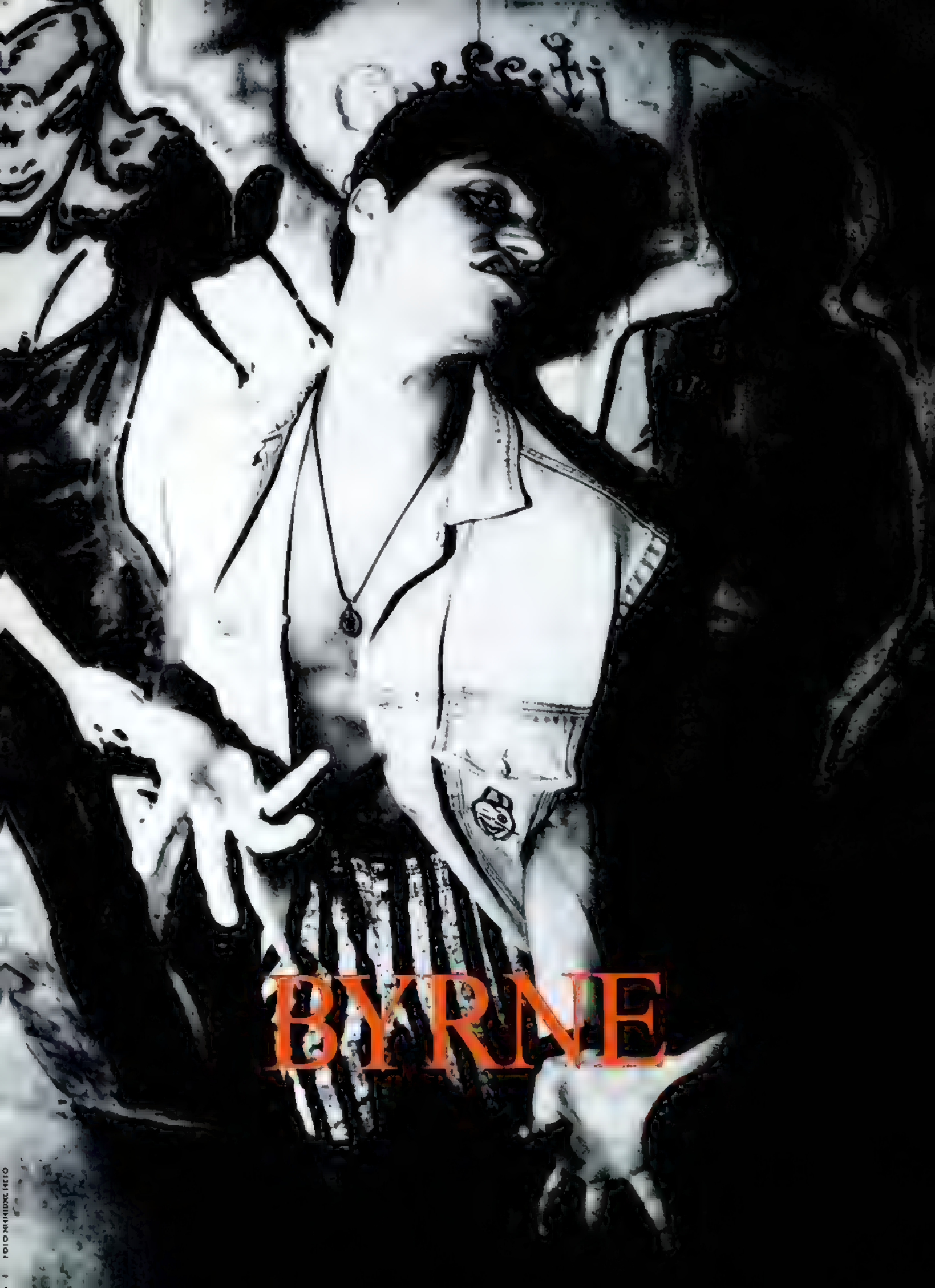
Se *AA* fosse realmente revolucionário deixaria sem respiração os canalhas, lobistas e mutreteiros que vivem provocando xiliques na Uzi verbal de Boris Casoy, ensanduichado entre duas edições de *AA*. Ao invés disso, *AA* nos serve o mais caricato representante do fascista de classe média, Gil Gomes, que com todos os seus truques de horror série B de Hollywood só pode ser lido como um ícone *trash*. *Trash* é perigoso: se dependesse de seu racismo facista, toda essa escumalha de delinqüentes estaria na câmara de gás.

TV trash do ano 2.000

AA legitima seu sucesso ao anunciar que foi acompanhado ao vivo pela CNN. Até os corais australianos sabem que o Brasil só sai nas networks americanas na seção de polícia. A revista francesa *Actuel* também seguiu *AA* e o definiu como a "TV trash do ano 2.000". Não é exatamente um elogio. *Actuel* identificou o caráter *hardcore* de uma TV, espelho de uma sociedade *hardcore*. Mas também a identificou como uma caricatura da psicose de celebridade que assola o Brasil, onde milhões de jecas deslumbrados não podem ver uma câmera que logo clamam pelos seus 15 segundos de fama. *AA* surgiu como espelho da sociedade. Hoje, a sociedade se comporta como um espelho de *AA*. A TV, mágica, hegemônica, relega qualquer outra realidade à condição de virtual.

AA só se redime quando sai para a defesa do consumidor, quando examina os descalabros sofridos pelos descamisados, ou quando documenta devastações de paraísos ecológicos. Mas acima de tudo, presta à truculenta polícia de São Paulo um serviço inestimável que os estúdios de Hollywood vivem prestando ao LAPD, a polícia de Los Angeles. A postura do SBT seria menos cínica se todo este horror fosse dramatizado, à maneira da atual série de TV americana *NYPD Blue*. Mas isso custa e *AA* é muito barato. Basta uma pequena redação, rádio-escuta, alguns repórteres com síndrome de gritar "gol!" e alguns camburões brancos, conduzidos por craques que às vezes dublam como iluminadores, rondando as ruas como felinos à espera do bote.

Em um país onde a TV é sagrada, a magia negra que derrubou os tambores africanos, *AA* só poderia virar cult. Para uma certa minoria pensante, resta acompanhá-lo em segundo grau, como uma ensangüentada ironia que só poderia ser parida ali, na terra onde o silogismo de Aristóteles virou o surrealismo do Rei Ubu.


BYRNE

SERGINHO GROISMAN

Continuação da página 10

TRIP Silvio Santos.

SG Eu acho o Silvio Santos um incrível comunicador, mas mais do que isso, um empresário que sacou em determinado momento, porque é um homem de televisão, que tendo uma empresa na mão, ele poderia fazer a televisão mais heterogênea do planeta, e dando liberdade de trabalho para as pessoas e dando condições, porque a grande vantagem de trabalhar com o Silvio Santos é que ele faz televisão. Ele conhece a câmera, conhece o cameraman e sabe que pra fazer um bom programa, você tem que respeitar estes caras também

TRIP Roberto Marinho.

SG Não vou falar sobre o Roberto Marinho. Talvez depois.

TRIP Brizola.

SG Toda vez que eu vejo uma entrevista dele eu me deslumbro. É um cara que tem um incrível poder de comunicação, se ele não falasse tanto, sob o ponto de vista quantitativo, poderia trabalhar em qualquer programa de televisão. É um cara que eu sempre vou respeitar, apesar de altos pisados. Pisou na época do Collor, tem uma insistência doentia com a rede Globo, que extrapola o limite do razoável e do possível. Não que ele não tenha razão em algumas coisas que diz, mas perde totalmente a racionalidade numa série de outras. Ele, com essa crítica sistemática que faz à rede Globo, subestima o povo brasileiro. Acha que o povo é guiado por uma emissora de televisão, subestima a capacidade política de um povo e se subestima. Ele foi eleito, é o governador do Rio de Janeiro apesar da rede Globo. Isto é doença. Outra coisa é a comparação, mas aí é estratégico, não doente, de querer amenizar a violência do Rio comparando com São Paulo. Não tem que comparar Los Angeles com Rio, nem Miami com Rio. Tem que cuidar do Rio de Janeiro. Agora, é um político decente.

TRIP Jornal Estado de São Paulo.

SG Ele sacou que precisaria fazer uma reformulação. Não veio tão acelerada quanto a da Folha de São Paulo, porque a Folha fez um reformulação editorial profunda. O Estadão está no lento e gradual. Eu acho que houve uma transformação muito forte. Não se deve ficar tirando uma como a Folha tira, de achar que só mudou a forma, mesmo porque acho que conceitualmente a forma muda o conteúdo. Se eu começar a falar como uma garota, não importa só o que eu estou falando, mas o jeito que estou falando tem a ver. Se eu falar afetadamente, muda porque as pessoas vão sacar. Então, a reformulação gráfica é uma reformulação de conteúdo também. Acho que desencadeou agora um processo muito interessante, que talvez a cobra tenha que comer seu próprio rabo e tenha que dar passos realmente mais ousados, porque senão vai dançar. É legal isso

TRIP Itamar Franco

SG Acho que na infância ele era sempre o dono da bola. Então ele chegava e deixavam ele jogar, mas botavam ele no gol. (risos) É sempre bem querido no turno, puta cara legal, me emprestou uma grana, pode sair com minha garota que ele não vai apontar, um sujeito muito cheio de boas intenções. Mas o Brasil precisa um pouco mais do que isso, precisa de ousadia. Eu acho que ele está cumprindo um papel de levar o Brasil em banho maria até as eleições do ano que vem.

TRIP Aqui Agora

SG Eu tenho muitas restrições e vejo qualidades também. As restrições que faço são sobre o critério que se estabelece daquilo que é prioritário enquanto notícia. Para mim, o caso mais grave foi a questão do suicídio da garota que foi registrado. Eu acho que aquilo não deveria ter ido para o ar, porque quando vejo eles registrarem um puta desastre numa rodovia, nesse caso tem sentido, apesar de todo mundo reclamar. Mas do ponto de vista legal, o trabalho do repórter nervoso, das matérias praticamente não serem editadas, ter o tempo real da matéria, nestes aspectos eu acho a comunicação fantástica. Agora, sobre o suicídio, a pergunta que eu faço é a seguinte: "O que é aquilo? O que significa? O que foi registrar uma pessoa se atirando do prédio e se esborrachando em baixo? As pessoas vão se suicidar mais ou menos com aquilo? Aquilo era um drama pessoal que interessa a quem? O que se passou com a pessoa quando viu a televisão chegar, as câmeras focalizando? Há alguma contribuição para a população, sob o ponto de vista da denúncia, da utilidade pública, o que tem? Nada.

TRIP Otavio Frias Filho.

SG Ele liderou a reformulação na *Folha* com muita clareza e determinação. Um cara que tem uma formação acadêmica muito interessante e que conseguiu transpor para a praticidade de um jornal diário esses conceitos acadêmicos.

TRIP Maitê Proença.

SG Gatona, lindona. É diferente da Regininha.

TRIP A Regininha do Méier é o maior tesão do Brasil?

SG É a que representa a gostosona, a novo namoradinha do Brasil. A Maitê é aquela que todo mundo tem tesão mas quer casar, ter filhos parecidos com ela.

TRIP Angélica?

SG Uma simpatia. Só agora cheguei a conhecê-la mesmo, e quem sou eu pra falar como ela deve se comportar. Mas, se ela tivesse interesse em se atualizar com o mundo, tentar ser um pouco mais jornalista, no sentido da averiguação da sua formação pessoal, ela pode ser uma mulher muito importante para a TV, porque é bonita, simpática e carinhosa. Só que ela está naquela fase criança-adolescente, está crescendo. Pô, quando eu levo a Angélica no meu programa os caras ficam babando, todo mundo quer ver aquela pinta. São legais aquelas músicas dela, mas daqui a pouco ela vai ter que dar o pulo do gato, porque a Xuxa é um fenômeno único. Antigamente, os programas infantis na TV eram feitos com a tia não sei quem, circo do Arrelia. Hoje é perna pra fora, é loira e coxão

TRIP Marília Gabriela.

SG Número 1 do jornalismo brasileiro na TV.

TRIP Mara Maravilha.

SG A mãe dela invocou comigo, porque, num programa com a Mara, um garoto abriu a *Playboy* em que ela estava nua. A Mara também está na hora de dar o pulo do gato

TRIP Jô Soares.

SG É uma unanimidade

TRIP Isto é bom ou ruim?

SG Pra ele é bom

TRIP E pra você? *(Risos.)*

SG Eu não gostaria de ser uma unanimidade, eu li aquele artigo da Trip, mas 99% do que Jô Soares faz é bem feito, é trabalhado, bonito, honesto, é legal

TRIP Orestes Quércia.

SG Político tradicional que está em extinção. Um dinossauro

TRIP Paulo Maluf.

SG Esse eu não vou comentar.

TRIP Lula.

SG O que eu gosto no Lula é o desafio que ele tem por ter sido pobre, do nordeste. As perguntas que fazem pra ele são assim: "Você não acha que para representar o Brasil tem que falar mais de uma língua? Não acha que pra ser Presidente da República tem que ter pelo menos o segundo grau?" É incredibilíssimo. Ele representa muito o medo de reformas realmente profundas. Com todas as críticas que tenho ao PT, que em determinados momentos são muitas, acho muito legal o Lula chegar e falar como se fala, errado...

TRIP Qual foi o maior problema que você teve na TV?

SG O Lobão no *Matéria Prima*. Foi no início, eu ainda estava imaturo. O mais legal no *Matéria Prima*, é que a platéia faz o papel do jornalista, e, ao contrário do jornalista, que tem a preocupação com sua imagem, o adolescente que vai ao programa não tem compromisso com nada, solta o que vem na cabeça. Por exemplo, quando o Edson Cordeiro foi no programa e cantou com aquela voz fina, a primeira coisa que perguntaram foi se ele era homossexual. Os caras perguntam mesmo. E a primeira pergunta que fizeram ao Lobão foi essa. E ele respondeu: "Você quer saber se eu dou o cu?" E continuou assim .. ele chamava o Jorbas Passarinho de Jorbas Passaralho, todas as músicas que cantava tinham sacanagem. Não faço nenhuma restrição a palavrão, nunca cheguei para o público antes do programa e falei: "Olha pessoal, sem palavrão, sem política, sem drogas e sem sexo". Imagina, o programa não duraria um mês. Em três anos de programa, nunca tive um problema. Sempre falam palavrão, é do cotidiano das pessoas. Só que o Lobão estava detonando o programa.

TRIP Você ficou com raiva dele?

SG Fiquei com raiva de mim. O que eu devia fazer? Ser legal e deixar o cara falar ou perguntar o que estava acontecendo? No dia seguinte, o assunto na Cultura era este, cheguei lá e o porteiro, assim que entrei, falou: "Pô! O Lobão ontem, hein?!" Porra, o porteiro! Fui andando e conversando com o pessoal, ouvi vaias, mas eles entenderam, porque o programa era ao vivo. E o programa que eu mais gostei de fazer foi o da Casa de Detenção, ao vivo, com mais ou menos dois mil presos.

TRIP Deu medo?

SG Eu fui um dia antes, porque me enchiam o saco: "Você precisa tomar cuidado, pode acontecer uma rebelião lá, alguém encosta uma faca em você". Mas eu já tinha recebido uma informação de que lá o programa era muito querido. Foi incrível, porque o programa foi feito como sempre. Eu só não podia dizer o "fala garoto", porque, pra eles, garoto significa o cara que "rola" lá dentro.

TRIP Você mandou algum "fala garoto" sem querer?

SG Mandei. Foram duas vezes que eu acabei cortando no meio, "fala gar.." Mas foi impressionante, conheci gente, voltei lá depois umas três vezes, foi demais!

TRIP Você se encarrega de toda a criação do programa ou a equipe participa?

SG Eu dirijo doze pessoas, dez garotas e dois caras entre 18 e 30 anos. (No começo foi coincidência trabalhar com tanta mulher, mas depois foi critério. Para a TV, acho que elas são muito mais espertas.) As decisões são todas minhas, a criação, não. As pessoas que mais "sofrem" comigo são as da pesta, porque estou mais presente. Mas elas têm sugestões e a gente resolve junto. O pessoal que faz o gerador de caracteres tem total liberdade de criação, ao vivo. Eu sou diretor do programa e não diretor da TV — o que seleciona as imagens —, e ele é de total confiança e tem total liberdade.

TRIP Quanto isto é gostoso, quanto é chato?

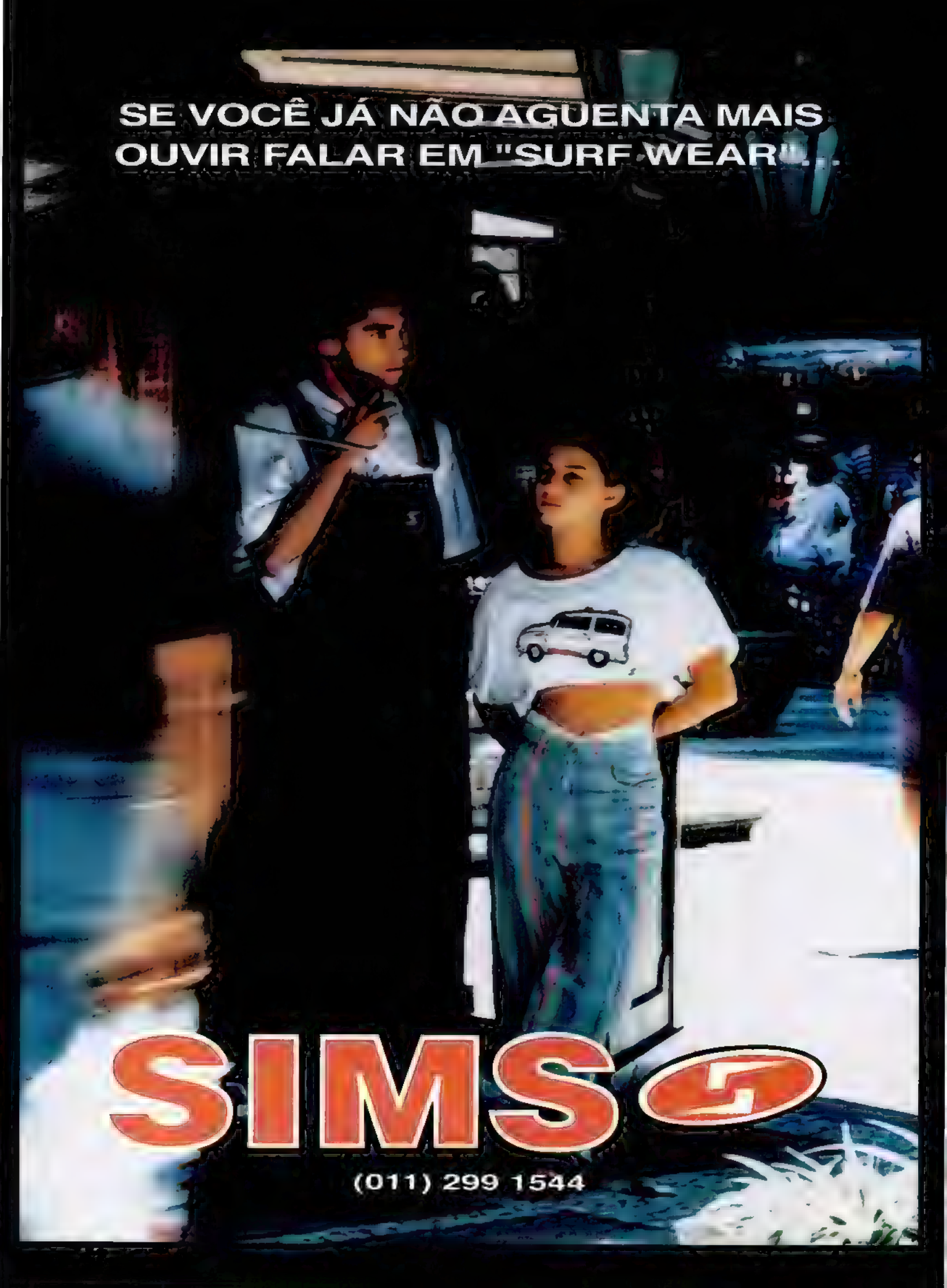
SG Em 99% é bom. Aliás, quero dar um recado para esses caras que são famosos e reclamam: mude de profissão, vá fazer outra coisa na vida. Meu, só tem intimidade devassada quem quer. Se o público te anche o saco, vá para o Tibet, vá pisar em lamas e chorar pitangas.

TRIP O que mais te enche o saco?

SG Às vezes, o que me enche o saco é bêbado em show, que quer me obrigar a tomar cerveja com ele. Meu, como tem bêbado que chega do meu lado e diz com voz arrastada: "Serginho, bebe oi!". Aí você muda de lugar e o cara vem atrás: "Serginho, bebe oi!" E você querendo ver o show. Ou então ele vira e fala. "Porra meu, ontem foi do caralho, não foi? O que foi ontem mesmo? Outra coisa é quando vou almoçar, sempre com pressa, e se forma uma roda de garçons em minha volta e ficam perguntando: "Serginho, é verdade que a Mara vai embora? E o Silvio Santos, ele dá todo aquele dinheiro mesmo ou é forjado?

TRIP O que você acha da palavra "teen"?

SG Acho que o jovem só tem uma coisa em comum: a idade. Ele tem 15 anos, é jovem, é teen. Não sei quem estipulou isso, talvez algum pediatra. Fora isso, as contradições são tão grandes que é um absurdo você que ficar um negro e um rico de 15 anos como sendo iguais sob o ponto de vista do comportamento. É o teen, é o grunge, é o menininho do carpirôdromo .. Os jornais fazem o perfil do cara que frequenta a rua Franz Schubert, a patricinha e o mauricinho. Teen, pra mim, é o que consome


SE VOCÊ JÁ NÃO AGUENTA MAIS
OUVIR FALAR EM "SURF WEAR"...
SIMS
(011) 299 1544

Mar raivoso

O Hawaii nunca foi aqui. Apesar disso, em agosto rolou pela primeira vez nos quase 50 anos de surf no Brasil, um campeonato exclusivamente em ondas enormes. "Desafio de vida ou morte, para mim surf é isso", diz o idealizador e patrocinador do evento, Eduardo Borgerth, "big rider" nos bons tempos, que conseguiu viabilizar o que não viveu na sua fase de competidor

Atraídos muito mais pelo desafio do que pela premiação, os 32 convidados, selecionados à partir dos rankings da Abrasp OSP e ASN foram mobilizados através da Fluminense FM e de um número telefônico com uma gravação sempre atualizada das condições do mar e da perspectiva de rolar o evento

No 17º dia de espera, os canais de comunicação escalaram os surfistas para a arena. Ao fim deste dia, 16 atletas haviam passado para a outra fase surfando ondas com cerca de três metros.

roberto price

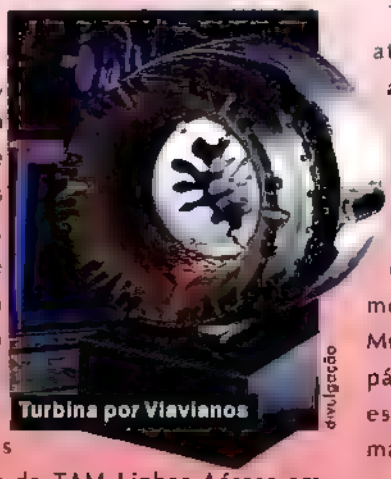
Carlos Burle, mesmo de back-side, dominou o swell havaiano que quebrou em niterói.

No dia 12 de agosto, o mar estava maior que o nome do evento: *Clark Foam Classic Big Waves Championship*. Séries com ondas de até quatro metros rolavam no meio da praia. Boa parte delas fechavam, apesar do mar "clean" num dia de sol sem vento. O clima era o do filme "Ride the Wild Surf" (Mar Raivoso): adrenalizante. A praia de tombo tinha ondas quebrando muito próximas, que transformaram a areia numa arquibancada perfeita

O carioca Sérgio Noronha surfou a maior onda do campeonato, mas na final não foi tão bem e terminou em 4º. A revelação foi o local Gilmar Catelani, que entrou como "alternate" e ficou em 3

Só mesmo a longa experiência internacional, principalmente no Hawaii, justifica o fato de os dois primeiros colocados virem da região com as menores ondas do país, o Nordeste. O pernambucano Erico [illegible] seu conterrâneo Carlos Burle, que dedicou a vitória do "campeonato mais importante de sua vida", a Taiu.

Reciclagem de peso contra a fome



divulgação

Turbina por Vlavianos

O que os nomes Nicolas Vlavianos, Fernando Stickel e Guto Lacaz têm a ver com asas, turbinas, hélices e janelas de avião? Em outubro eles juntaram-se a Tomie Ohtake, Vicente Kutka, Amélia Toledo, Yvete Ko, Emanuel Araújo, Yutaka Toyota e Maria Matheus para inaugurar o Centro Cultural do Aeroporto de Congonhas

Estes gênios das artes plásticas transformaram a sucata dos aviões da TAM Linhas Aéreas em obras de arte. Toda a solda, parafusos e criatividade tem uma boa causa: arrecadar fundos para a Campanha pela Vida, do sociólogo carioca Herbert de Souza, o Betinho.

Mas não vá pensando que um legítimo Tomie Ohtake custa um quilo de alimentos não perecíveis. A escultura mais baratinha vai custar certa de 15 mil dólares. São empresários de todo o Brasil, que passam pelo saguão onde está instalada a exposição, colaborando para o futuro de milhões de famintos. Aproveite e vá ver, antes que as peças da TAM vão para as melhores coleções de arte do país.

Uma legítima obra Lacaziana.

divulgação

Andrea Dallape

Leia a Bíblia

reprodução

Tem cara de fanzine, atitude de fanzine, assunto de fanzine e é uma das revistas mais importantes da cena musical americana. *Ray Gun* faz um ano e já é, segundo ela mesma, a "Bible of Music + Style". Em suas páginas — caóticas — estão as melhores matérias sobre bandas mais bacanas que você nunca ouviu: de Frank Black a Breeders, de Urge Overkill a Sonic Youth. Tem também arte e estilo das ruas.

Mas o melhor da *Ray Gun* é seu design: dada-trash total. Obra de David Carson, premiadíssimo designer gráfico, ex-diretor de arte das revistas *Beach Culture, Transworld Skateboarding* e atual responsável pela *Surfer Magazine. Ray Gun* é o tubo de ensaio do rapaz: colagem randômica de papel + pregos + Macintosh (o mano pira na vara!).

Ler uma entrevista do começo ao fim é um desafio. É para divertir-se procurando o resto do parágrafo em algum lugar da página. É instigante, é inteligente, é bizarro. Leia!

Felipe Cama

Brasil exporta gurgel

Decepcionado com o que está rolando no jiu-jitsu do Rio, o professor carioca Fábio Gurgel está há dois meses em São Paulo. Ele e Fernando Yamasaki estão decolando para a Dinamarca, onde acontece, este mês, o 1º Mundial. Gurgel, quando voltar, continua em São Paulo. *Carlos Sarli*

salad

O estilingue do ano

Vs (Versus), o novo disco do Pearl Jam já chegou ao Brasil. Esse era o disco mais esperado do ano pela crítica norte-americana, e é claro, pelos milhões de fãs que a banda arrebanhou em todo o mundo com o álbum Ten. O disco começa com Go e termina com indifference. Indiferente mesmo. Lá pelo meio aparecem algumas coisas interessantes como Blood e W.M.A. As lojas dos EUA já encomendaram 2 milhões e meio de cópias, e ao que tudo indica, essa quantidade deverá ser dobrada em pouco tempo. Isso prova que a juventude americana ainda pretende seguir por algum tempo os passos do quinteto de Seattle. O Vs teve uma prensagem especial de lançamento com embalagem ECO PAK, totalmente reciclável, mas que se esgotou antes de chegar por aqui. A produção de Brenda Obrien e do próprio Pearl Jam, é inegavelmente de alto nível.

divulgação

Presente de Papai Noel

Pra quem achou que o ano dos mega-shows já havia terminado, se enganou. A Water Brother do Brasil (que recentemente trouxe o ex-Genesis Peter Gabriel), antecipando a vinda de Papai Noel, vai trazer um pacote de shows do primeiro time internacional. Dia 23 de novembro, numa única apresentação no Palace, Living Colour, a banda nova iorquina que já arrepiou por aqui no Hollywood Rock com o seu hard-funk. De Nova Iorque, quem também está chegando é o Spin Doctors (sem comentários) para três únicas apresentações: dias 29 e 30 de novembro no Olympia em São Paulo e no dia 1º de dezembro no Imperator, Rio de Janeiro. Por fim, a raça do som pesado já pode ir se preparando para os shows da "demolidora" Pantera que aterrissa por aqui pela primeira vez para o delírio dos cabeludos. Os shows acontecem nos dias 7 e 8 de dezembro no Olympia e dia 9 no Imperator do Rio.Os ingressos para todos esses shows custam a partir de Cr$ 3.000,00. Ninharia!

Deus é japonês

Você que passou a vida investindo em vinil e estava desesperado por não poder transformá-lo em CD's, pode relaxar. Deus e Akio Morita lembraram de você. Acaba de ser lançado nas matrizes do capitalismo o CD "gravável". O disco de duas polegadas e meia híbrido de disquete e CD, pode armazenar até 74 minutos de música com qualidade digital. Como nos CD's, a localização da faixa é automática e o cartucho que envolve o CD elimina segundo a Sony, o inconveniente dos CD's que pulam durante a música. Como não poderia deixar de ser, será necessário investir alguns dólares a mais no aparelho que reproduz o Recordable Mini Disc. Avise sua comissão de orçamento para preparar o cheque.

reprodução

O pecado mora aqui mesmo

divulgação

Eles são amigos, têm seus vinte e poucos anos e se deram muito bem tocando rock de primeiro time. Eduardo Ardanuy, Ivan e Andria Busic, depois de tocarem juntos na Chave do Sol, Supla e Banda Taffo, criaram o Dr. Sin há um ano. Já têm contrato mundial com a Warner, disco lançado e o aval de ninguém menos que Ian Gillan. Eles merecem. São músicos de primeira, daqueles que, além de saber o que estão fazendo, tocam com muito prazer. Aproveite para saborear os riffs afiados de Eduardo até o Natal, porque no ano que vem eles vão arrepiar em outros continentes. *LF*

Uma Oca no coração da Broadway

Os felizardos que conseguem o green card e vivem em NY contam com um apoio concreto nos muros do gueto onde vivem. A revista *Oca* se encarrega de levar para o coração dos States notícias da terra brasilis, sobre a comunidade e ainda shows de MPB e até empregos. Como não podia deixar de ser, a *Oca* também tem matérias e dicas sobre solidão e saudade. Na seção de classificados, anúncios de guaraná em pó, pinga e feijão.

paulo ima

E que tudo mais vá pro inverno

divulgação

Para chutar o pau da barraca, a Osklen promoveu seu desfile de lançamento no granfino Copacabana Palace. Um desfile aparentemente normal: shorts, camisetas, maiôs, tudo bem leve. De repente, o tempo fechou. Na passarela, os modelos pareciam que se preparavam para uma expedição ao Himalaia. Tinha neguinho de anorak — uma jaqueta usada no esqui —, roupas apropriadas para equitação e ainda uma linha para golfistas. Um luxo só. A platéia morreu de calor só de ver. Moramos num país tropical, não muito abençoado por Deus, mas chique por natureza. *AC*

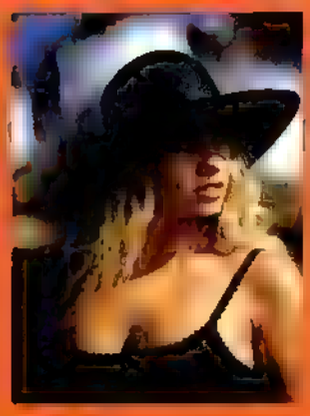
A College vai invadir sua TV

Trip College mostrou como se usa a inteligência. E o pessoal das empresas assinou em baixo, apostando na proposta da revista. Por isso, a terceira edição da TC teve o apoio de anunciantes como Tilibra, Hering e Nike. Isso em apenas seis meses. Em breve o sucesso da **TC** poderá ser visto na telinha, num anúncio criado e produzido pela Estação Manda, que já zoou as páginas de algumas das mais importantes revistas do país. Recentemente, os quatro "mandafuckers" finalizaram 15 segundos de vídeo para a campanha de lançamento do novo Buballoo melancia.

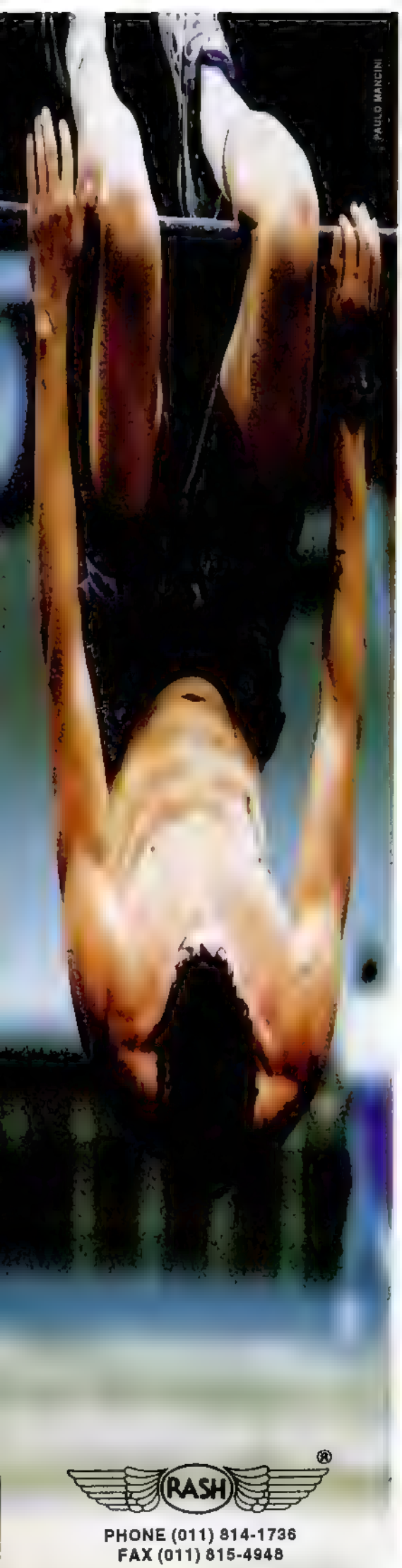
Fim de semana tem TRIP no rádio

Sexta 20h. pela 89FM - SP
sábado 19h. pela 98FM - Santos

Nove anos de independência no ar

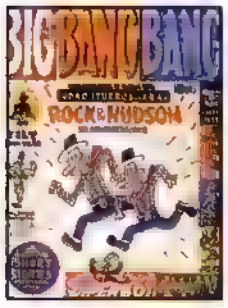


Utwo



O veado de Tróia

Conhecida pelas revistas do Angeli, Glauco e Laerte, a Circo Editorial está promovendo outro tiroteio nas bancas. Big Bang Bang, é uma revista de quadrinhos feita pelo ilustrador Adão Iturrusgarai (DumDum), com a participação de feras como Fábio Zimbres (Animal) e Jaca (Estadão). Uma lazanha de dez andares com uma crosta de queijo derrendo, a Big traz a HQ Rock & Hudson, saga de dois cowboys gays que só pensam em putaria, com direito até a veado de Tróia. Essa é pra ver.



reprodução

tripas

de Ricardo Franco Cruz

● COMO VOCE NAO DEVE SABER estou aqui em Alexandria, uma cidadezinha pertinho de Washington D.C., estudando inglês à convite da Fundação Eurocentres e colhendo material para nossas revistas TRIP e TRIP COLLEGE. Essa TRIPAS é um resuminho do que eu vi e ouvi de interessante por aqui. Quer notícia? Vai ler jornal!

● CADIRIRI Qual não foi a minha surpresa quando liguei a TV — na casa onde estou hospedado eles pagam US$ 20 dólares por mês e têm mais de 50 canais — e vi as infalíveis facas Ginsu? Aliás, pra vender o kit com "as melhores facas do mundo", eles, os cadiriri norte-americanos, transformaram meia hora de anúncio num talk show fake e ficam trocando idéia sobre as mil e duas qualidades do produto. Tomara que isso não chegue ao Brasil.

● "SNIF, SAY HELLO TO MY NEW FRIEND, SNIF" A sociedade norte-americana, assim como a brasileira, tem umas coisas bem estúpidas. Só porque o Beavis, o loirinho amigo do Butt-Head, ficava dizendo "fire! fire! fire" e um garoto pôs fogo na sua casa depois de ver o desenho, a justiça daqui proibiu o pobrezinho — o Beavis — de usar a palavra fire (é claro que você sabe o que significa fire, não?), e ainda chutou o desenho pra depois das 10 da noite. Aqui, sem generalizar, é assim: se um moleque pular do 10º andar de um prédio, vão dizer que é culpa do Homem-Aranha; se ele matar o pai e a mãe quem roda é o Charles Manson. Em plena tarde de sábado (30/10), o canal 20) , exibia sem cortes o "levíssimo" Scarface, Cherança, bebedêra, meteção, assassinato... Isso pode, né?

● NIKE É Um dia desses, meu amigo "Tôtô"Hungria me disse que o futuro do tênis, de pôr no pé, será um híbrido entre solas duráveis, couro, meio com cara de tênis, meio com cara de sapato. Ele está certo. As novas coleções da Nike, da Reebok e de todas as outras marcas que interessam, apontam essa tendência de tênis-sapato-botinha, que faz a cabeça de toda a juventude gringa, principalmente do povo Hip-Hop. A mais usada, e também a mais cara (cerca de US$ 120), é a Timberland que faz uns pisantes da porra. Não fica triste não, o Nike Air Jordan que você acabou de comprar por US$ 200 no shopping ainda é jóia!

● NEGOLÂNDIA Fui com um amigo japonês, num show do Ice-Cube em D.C., também conhecida como Chocolate City (cidade onde a maioria da população é preta). Contei cinco brancos, incluindo nós dois. Um brotha daqui me disse que eu não deveria ir, só porque sou branquela. Mentira! Ninguém se mete com você se você ficar na sua, mas é preciso cautela. Anyway, o show foi demais, o cara é bom pacacete. Semana que vem tem De La Soul, A Tribe Called Quest, Eric Sermon e mais um monte de coisa. Nice place, America (do norte).

● PSYCHIRETAGEM "Se você estiver precisando de ajuda, se sua vida vai mal, consulte um médium profissional". Esse é mais ou menos o anúncio do Psychic Friends Network, voce liga (aqui) 1-900-288-2135, paga US$ 3.95/minuto, e um médium vai lhe dar o maiô folça. Dá licença!

● 1 MINUTO DE SILÊNCIO Esta TRIPAS é dedicada ao Macarrão, que não teve muita paciência pra esperar as coisas acontecerem.

● A revista americana *Spin* publicou o resultado da eleição de "melhores do ano" na votação dos leitores e os resultados são de deixar qualquer um em estado de depressão profunda. Na categoria "melhor banda" ganhou o Pearl Jam, seguido por R.E.M., Alice in Chains, U2 e Dinosaur Jr. Aliás, o U2 foi a única que ousou arriscar alguma coisa nova.

● Na categoria "pessoa mais honesta" ganhou Henry Rollins, à frente de Michael Stipe (R.E.M.), Eddie Vedder (Pearl Jam), Ice-T e Perry Farrel (Porno for Pyros). A cegueira dos votantes é assustadora. Rollins é um cara tão "anti-establishment" que chegou a trabalhar como VJ do radicalíssimo programa Alternative Nation (Nação Alternativa) da MTV.

● Dos outros quatro, o único respeitável é Michael Stipe. Vedder se finge de poeta maldito, mas não passa de um hippie conformado; Ice-T ficou milionário vendendo revolta para adolescentes ignorantes e o ex-Jane's Addiction Perry Farrel é uma piada.

● A lista de "cem melhores músicas da história" é encabeçada por "Black" do Pearl Jam. Das cem canções escolhidas só três foram lançadas por gravadoras independentes: "Waiting Room", do Fugazi (21 lugar); "Blue Monday", do New Order (34 lugar); e "London Dugeon", do Misfits (98 lugar). Nada de Buzzcocks, Stooges, T-Rex, Bowie, Kiss...

● A juventude cabeça escolheu ainda maravilhas como "In Your Eyes" (Peter Gabriel), "Tom Sawyer" (Rush), "Every Breath You Take" (Police), "Bad" (Michael Jackson) e "November Rain" (Guns'n'Roses).

● O pior ainda está por vir. Na lista de melhores LPs de todos os tempos estão, pela ordem: *Ten*, do Pearl Jam; *Nothing's Shocking*, do Jane's Addiction; *Dirt*, do Alice in Chains; *The Joshua Tree*, do U2, e por aí vai. Acuda, Jesus...

● O resultado de uma votação dessas no Brasil não seria muito diferente. A conclusão? Que o fenômeno da imbecilização é global. Onde estão as pessoas interessantes desse planeta? Cada vez mais me convenço de que nós merecemos escutar essas rádios horrorosas, merecemos assitir Sérgio Groisman e o programa *Fanzine*

● Esta coluna lamenta o falecimento de uma das testemunhas oculares da história do punk americano. Seu nome é Pippen, a gata de estimação de Jello Biafra.

● Mensagem deixada por Lux Interior, vocalista dos Cramps, em minha secretária eletrônica: "Vi os filmes de Zé do Caixão". Me senti fraco e inferior em seu reino de violência!"

● Parabéns ao senhor Rogério Gallo por sua nova coluna na TR?. Em poucas linhas esse indivíduo redefiniu palavras como "ego" e "arrogância". Deu vergonha de ler.

FILME DO MÊS: *Dazed and Confused*, história do último dia de aula de uma turma de adolescentes de 1976.

SHOW DO MÊS: Iggy Pop O cara montou sua melhor banda desde o fim dos Stooges e destrói no palco.

DISCOS DO MÊS: *Inhaler*, novo míssil dos veteranos grunge do Tad (esse vai sair no Brasil pela BMG); *Painful*, 40 minutos de psicodelia pop ministrados pelo Yo La Tengo, e *M.I.A.*, do extinto Germs, uma das melhores bandas punk da costa oeste do Estados Unidos. Bom proveito e até o próximo.

Venda exclusiva na rede Side Walk

Rapto para o divã

O guitarrista Kendall Jones largou o Fishbone e entrou para uma seita bíblica. Desculpa: o último disco da banda era muito "satânico". O seu ex-coleguinha, o baixista Norwood Fisher, mais a namorada e um casal de amigos, tentaram raptar Kendall para levá-lo ao psiquiatra. Se fazendo de mané, Kendall driblou a moçada e chamou a polícia. Final da história: Norwood e os outros três estão sendo processados por tentativa de seqüestro. A defesa do baixista: "Minha mãe não achou o disco nem um pouco satânico". Lamenta-se a dissolução da barulhenta dupla.

A.C.

Utwo

VOCÊ SABE ONDE ENCONTRAR SHARON STONE, AYRTON SENNA, SALVADOR DALI E MADONNA?*

3 MILHÕES DE FOTOS

FOTOARQUIVO

SIGLA

FOTOJORNALISMO

R. GREGÓRIO SERRÃO, 254-SP
TEL:549.2766-FAX:575.1224

O SEU BANCO DE IMAGENS

*A Sigla não possui direito de imagem.

tico ao tubarão

Tico Cavalcanti

MEMÓRIAS CÍCLICAS DO PIER

● O mundo gira, os tubos rolam e está mais na cara que o fenômeno dos ciclos é uma evidência. Guerra, moda, ajustes geológicos, furacões e intempéries, música, todas as formas de arte e tudo mais que influencia nossos rumos, evoluem e se manifestam em ondas que reaparecem trazendo conseqüências particulares para cada época.

Me lembro bem do Pier no começo dos anos 70 aqui no Rio. Na época, eu aprendia a subir numa prancha em meio à ressaca da paulada comportamental dos anos 60 na cuca dos jovens. Os Beatles foram os formadores de opinião numa época de tremenda reviravolta nos valores. Toda a galera cabeluda, adepta da comida natural, yoga, tatuagens, liberdade sexual, bicicletas e a preferência pelas drogas naturais eram alguns dos componentes da integração de músicos, intelectuais, hippies, revoltados políticos e surfistas que freqüentavam o pico.

O verdadeiro espírito do *free surf* eram as grandes ondas. Moleque, como eu, pra ter lugar ao léo tinha que dropar porrada, senão tchau, vai procurar outra tribo. Não havia dúvida de que o Paulinho Aragão chocava a todos com sua radicalidade em cima de uma prancha. Pepê, do alto dos seus 15 anos, parava a praia com performances inacreditáveis nos gigantescos dias de *backdoor*.

Passaram-se 20 anos e parece que muita coisa daquela época está voltando com tudo — mesmo que as causas e conseqüências sejam outras. Com a tecnologia e a comunicação com outra influência, tudo indica um certo *revival* daquele tempo. Do naturalismo, volta uma preocupação ecológica como forma de preservar nosso mundo. O espírito do *free surf* volta a aparecer e aumenta a fissura pelas ondas grandes. E o *streetwear* bate na porta das tendências muito mais forte do que skate na época. Com eles voltam os cabelos compridos, tatuagens e a total despreocupação no vestir, além de uma religiosidade que andava desaparecida, mostrando que o homem sempre volta pra Deus quando se depara com o caos.

Falando de ciclos mais longos, a tuberculose foi a peste negra que dizimou grande parte da população mundial na Idade Média. E não é que me aparece a Aids como a peste, desta vez chamada branca, para atormentar o mundo com um estrago difícil de prever! É certo que está mudando o comportamento sexual no mundo inteiro, trazendo de volta o romantismo que há tempos nem pingava. O tal de *safe sex* virou a palavra de ordem, o pessoal ficou mais criativo mesmo em relações monogâmicas e deixou de lado a sacanagem que rolava solta.

Volto ao Pier e fico na maior nostalgia, vendo muita coisa daquela época pintando de novo, lembrando que as melhores ondas que já vi no Rio estavam ali — formadas pelo fabuloso fundo criado pela obra do emissário submarino. Imagino que uma realidade bem parecida possa pintar por aí em breve, pois, à medida que aumenta a população dos fissurados pelo surf, os custos para a elaboração dos fundos artificiais diminuem através dos avanços tecnológicos e isto pode viabilizar projetos a serem explorados até pela iniciativa privada. Caro leitor, não pense que estou louco — de quando em quando é bom sonhar. Faz parte do fenômeno dos ciclos

QSL

roger

Roberto Sallo

E AÍ, ENTENDIDOS?

BLEU. Espero que quando as bancas estiverem vendendo esta TRIP, os cinemas já estejam passando *A Liberdade é Azul*, de Kieslowski. Se você não viu, não perca.

FILAS. É ótimo ver o sucesso de Leon Cakoff e sua Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Há poucos anos atrás, ele e Yara Lee mendigavam apoio para uma mostra agonizante. Hoje, Cakoff pilota um evento de repercussão invejável.

DEZ. Golaço também é o Espaço Banco Nacional de Cinema em São Paulo.

TRAVE. Que tal o presidente do Vasco da Gama (aquele timeco) criticando o Palmeiras por ter o patrocínio da Parmalat?

BOTA FOGO. Você que não é correspondente da **TRIP** e nunca foi à Bósnia, passe pelo menos alguns dias no Rio de Janeiro e tenha a chance de ver uma guerra civil de perto.

URCA. Mesmo assim o Rio é a cidade mais legal do Brasil. E eu acabo de me instalar no oásis da Urca. Minha filial carioca.

OPINIÕES. Impressionante o número de imbecis que criticaram Michael Jackson no Brasil. E aí, entendidos? Vamos fazer uma breve comparação entre o que vocês e Jackson fizeram nos últimos 30 anos?

TEATRO. Sérgio D'Antino ataca novamente. *As Bruxas*, na Sala São Luiz (SP), é a mais nova montagem do produtor teatral número 1 do Brasil.

ARTE. "Alcançando o terreno da verdade, a atividade social futura só poderá ser de natureza artística, já que é essa a única que corresponde as nobres capacidades que existem em cada homem." - *Richard Wagner.*

SEJA O PRIMEIRO A SABER

Só há uma publicação preocupada em antecipar o que há de mais quente quando se fala em young trends.
Assine TRIP já e saiba antes o que rola em São Paulo, no Brasil e no mundo.
Sua revista chega rápido, num envelope protetor personalizado, pelas mãos de portadores motorizados.
O preço fica congelado e você não toma pau da inflação.

"No mês de julho, a revista "Interview Sexy" vai fazer o que "Playboy" ainda não decidiu : estampar Regininha na sua capa. Quem saiu na frente foi a revista "TRIP", que já mostrou a loira poltergeist nua em uma série de fotos feitas no Méier..."

REVISTA DA FOLHA (F.S.P.)
Domingo, 13 de junho 93

"O interesse constante pela inovação pode ser sentido a partir da hora em que se procura a TRIP na banca e descobre-se que se pode optar entre duas capas diferentes."

REVISTA PROPAGANDA
Maio 93

"Apesar desse visual heavy, Dadá é baixista da banda de rock Os Normais e foi escolhido como o Mel Gibson dos surfistas — em eleição livre e direta — pela revista "TRIP", especializada em young trends."

REVISTA INTERVIEW SEXY
junho 93

ASSINE JÁ

e receba a TRIP por um ano (seis edições)

CR$ 4.740,00

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 31/12/93

Mesmo que você não assine a TRIP, responda nossa pesquisa e envie para a redação (Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 1479 - São Paulo - SP - CEP 04543-011).

NOME | IDADE
ENDEREÇO | CEP
FONE | CIDADE | ESTADO
QUE RÁDIO VOCÊ OUVE?
QUE MARCA DE CAMISETA VOCÊ PREFERE?
QUANTAS VEZES POR MÊS VOCÊ VAI AO CINEMA?
QUE MARCA DE CADERNO VOCÊ USA?
QUE MARCA DE TÊNIS VOCÊ USA?

Pegando livros do lixo

Desde o ano passado a prefeitura de São Sebastião e a moçada da Poluição Zero Engenharia estão deixando as praias do litoral norte mais limpinhas. O projeto começou com cestos de coleta seletiva na Barra do Sahy, Camburi e Boiçucanga. Só no primeiro semestre, o resultado da reciclagem foi de mil dólares. A grana foi usada para comprar livros para as crianças carentes de São Sebastião.

divulgação

Agora o projeto seletividade está tentando se espalhar pelas outras 24 praias de Sansebas. Mas tudo depende de patrocínio. Para saber como se faz, ligue para a Poluição Zero (011) 743-1025.

ONDAS TROPICAIS - A MÚSICA DO 4º MUNDO - COM SÔNIA ABREU - BRASIL 2000 - 107,3 FM - 2ª A 5ª DAS 21 ÀS 23H.

Forever Young

Tudo começou com show de luzes, um helicóptero e muita expectativa. Não, não era a moçada do morro descendo para o Jockey Club carioca. Eram os agitadores Luís de Freitas e Mauro Taubman comemorando os vinte anos da Company. Para completar, chamaram Claudia Raia para apresentar o desfile. Na saída, os mil privilegiados ganhavam um exemplar da TRIP com a entrevista de Taubman nas páginas negras.
Quem viu ficou de boca aberta.

Utwo

Fone e Fax (011) 581-3679

Material chromony prawem autorskim

A reciclagem do lixo não é modismo, é uma necessidade do mundo moderno, pois os materiais recicláveis utilizados em embalagens são manufaturados com produtos extraídos da natureza, através de processos degradantes do meio ambiente (escavação do sub-solo, remoção de matas nativas, inundação de florestas para produção de energia, etc).

Não há nada mais desagradável para a comunidade do que ver nossas praias sujas, com garrafas plásticas, latas, papelão e etc, lançados a esmo por pessoas inconscientes.

Para conservarmos nosso meio ambiente, é preciso que todos colaborem, aprendendo a reciclar e fiscalizando a ação dos invasores e poluidores.

MATERIAIS RECICLÁVEIS:
- Latas metálicas
- Plásticos
- Vidros
- Papéis

NÃO RECICLÁVEIS:
- Matérias orgânicas (restos de alimentos)
- Madeiras
- Pilhas
- Plásticos ou papéis com alumínio
- Papéis sujos com restos de alimentos

Rosvaldo Catino

RECICLE & FISCALIZE

Mar azul, areia branca, praia limpa.

WAGON SURF LINE

cartas

A moçada de São Paulo manda seu recado. Acorda, Brasil! A TRIP quer saber a sua opinião, receber suas sugestões. Escreva já, o endereço é: Av. Pres. Juscelino Kubitscheck, 1479, São Paulo, SP, CEP 04543-011. Se preferir, mande um fax para (011) 829-4355. É importante.

BARCINSKI X TATOLA A RESPOSTA

Esse sr. Tatola está se saindo um bom estrategista de marketing. Como a bandinha dele é um fracasso, fica puxando o saco dos Titãs só para ver se arruma uma boquinha. Mas não há santo que dê jeito no Não Religião. Esse sr. Tatola já tentou de tudo: "tocou no Verão Vivo"do Luciano do Valle e até abriu show do Motorhead (alguém tem dúvida de que foi jabá da 89?), mas nunca deixou de ser um zero à esquerda. Pelo visto, vai continuar assim até o fim de sua desprezível existência.

André Barcinski

EM DEFESA DO BARÇA

É por aí, Barcinski! A seção Cartas da **TRIP** reflete muito bem o que se passa pela cabeça (oca!) de alguns infelizes brasileiros-alienados que desconhecem o raciocínio e o poder de contestação do nosso grande Barcinski.

Fuck you, você que está se fodendo por todos os lados e ainda tem tempo para defender alguém de alguma coisa que jamais irá perceber em sua doce existência.

Renato Luiz Ferreira, São Paulo, SP

FORA BARÇA!

Que idéia é essa de sujar as páginas da **TRIP** com merda? Penso que isto é um desrespeito enorme para com os leitores da revista. *Notícias Populares* e **TRIP**? Não tem nada a ver! P.S.: Fora Barcinski! O seu lugar é no *Aqui Agora*.

Reginaldo Moraes, São Paulo, SP

Caro Reginaldo, repito aqui as perguntas endereçadas a alguns leitores na edição passada: o que você tem contra o "Notícias Populares"? É muito baixo para o seu nível intelectual? Você não acha que o "Notícias Populares"cumpre um papel social importante? Você já leu algum exemplar do NP? Será que dava pra você explicar por que não gosta de mim, em vez de escrever umas asneiras incompreensíveis? Qualquer crítica com um QI de dois dígitos será aceita sem problemas.

SATISFACTION

Inicio a minha dissertação elogiando a **TRIP** e a matéria da Jô Elias sobre os cyberpunks. Ufa! Finalmente alguém conseguiu explicar o que é um cyberpunk. Gostaria de salientar também que o sr. André Barcinski pode não ser o cara que mais entende de música no mundo (aliás, não chega nem perto disso), mas está à quilômetros de distância de muitos boyzinhos-críticos-seattlemaníacos que pensam que sabem o que é rock. Desculpem, mas isso é incontestável. Quanto ao sr. Tatola, ele provou que está predestinado ao contrário. Será que não basta a ele ser o pior apresentador de rádio e o pior vocalista da pior banda de SP, ele ainda têm que defender o pior disco que os Titãs (meus ídolos) já fizeram? Tsk, tsk, tsk... Têm noite que o dia é foda, cara!

Alexandre de Lima Fogaça, Barueri, SP

Obrigado ao Renato Luiz Ferreira e ao Alexandre de Lima Fogaça pelos comentários. Agradeço também ao leitor Camargo Maia, que me escreveu lembrando de uma bela passagem literário-musical escrita pelo gênio Tatola: "As Instituições/ O alienará (sic)" *A.B.*

TATTOO

Achei o máximo a reportagem "Tattoo"! Vocês colocaram legal o modo de fazer o desenho e o modo de tirar. Parabéns, de um leitor tattoo da **TRIP**.

Fabiano R. Costa, São Paulo - SP

LARANJA, EU?!

A reportagem sobre Tattoo, publicada na edição 34, poderia estar melhor se não fosse o título, que chama a galera de laranja. Gostaria sinceramente de saber o porquê de chamar a moçada tatuada de laranja. Eu, particularmente, não tenho nemhuma tattoo, mas amigos meus tatuados não gostaram nada do título. Quem quiser fazer uma tatto ou retirá-la, que faça. E não precisa ser chamado de laranja!

Paulo J. Sampaio, São Paulo - SP

Ok, Paulo. Da próxima vez, chamaremos de acerola (vale por 20 laranjas).

CADÊ?

O que aconteceu com as colunas de esportes radicais? Vejo uma sombrinha de skate na revista, com o Fábio Bolota. É tão difícil falar do que é bom? A gostosona da Cristiane não mostrou nada, tá regulando? Para fechar, a **TRIP** está muito comercial. Marcel Plasse, Érika Palomino, Zé Gonzales, Cesinha Chaves, João Gordo, André Forastieri. Detonem esses caras!

Cebola Noise Sucker, Capão Redondo, SP

PROCURA-SE

Gostaria muito de saber mais sobre a Cristiane Godoy. Onde mora? O que faz, no que trabalha? Estuda? O que? Onde?

Ela tem namorado? O que mais gosta de fazer?

Alexandre, São Paulo - SP

Para essas respostas dirija-se a Maresias.

Entre centenas de cartas, a redação da TRIP recebeu e destacou as de: Breno Mendonça (Belo Horizonte, MG); Humberto Marciano Gamboa e Camargo Maia (São Paulo, SP); Guto Fernandes (Campinas, SP); Alexandre (São Paulo, SP).

Material chroniony prawem autorskim

WAGON BEACH LINE

(011)
829 3544

Material chromo por

SOFT SOFT GIRLS